

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

O SUL NÃO FOI OUVIDO!

Se com a nova maneira de achar a categoria das traineiras se pode atropelar direitos adquiridos e reconhecidos; se a limitação e fixação de portos de descarga vai diminuir, empiorar e encarecer o produto, talvez mesmo arruinar empresas; se com a supressão das «enviadas» se ferem direitos legítimos e perdem vantagens, torna-se absolutamente necessária uma revisão do assunto.

SOU um modesto armador da pesca da sardinha, no centro de Vila Real de Santo António. Modesto, mas carola, como quase todos os pequenos armadores que vivem as «lotarias» desta pesca, sofrendo quando não apanham peixe, sofrendo quando há mau tempo, sofrendo quando têm avarias nos motores ou nas redes, enfim, sofrendo e lutando toda a safra, com mira numa compensação que — quantas vezes e quantas safras! — só é a própria do jogador (que afinal é o que somos), na efêmera alegria de uns dias de sorte, com um balanço final negativo.

Mas a carolice dos armadores vilarrealeses e a coragem e abnegação dos pesca-

Novas comissões venatórias NO ALGARVE

Foi publicada uma portaria que determina sejam nomeados vogais das comissões venatórias abaixo designadas os seguintes srs.: Castro Marim: António Henriques de Sousa, João Gonçalves Caldeira Carrapico e Manuel Vaz Antunes Rosa; Loulé: Manuel de Andrade e Silva, Filipe Leal Viegas e José Rita Júnior; Monchique: José dos Santos Salgado, José Francisco dos Santos Nobre e Joaquim José Martins Carneiro.

por JOÃO FOLQUE E BRITO

dores, seus directos colaboradores, honra lhes seja feita, têm operado verdadeiros milagres, transformando o que era considerado campo de acção estéril, em pão de portugueses, riqueza para a Pátria. E desde Melilha a Ifni, pela costa Norte de África, e de Málaga a Vigo pela do Sul da Europa, todo o palmo de mar tem sido «batido» por esses bravos pescadores, na luta pela existência, esgotando todas as possibilidades para encontrarem e colherem o que necessitam — o peixe. Para acompanhar esta luta ingente, têm-se melhorado os cascos, os motores, as «enviadas», as redes, as sondas, os rádio-emissores, etc., empregando-se o que se ganha, o que não se ganha. Mas, tivesse havido ou não compensação para todos os armadores, tivesse havido sorte para alguns e prejuízos para outros, há que conformar-nos

Conclui na 6.ª página



Embaixador DR. MANUEL ROCHETA

Foi nomeado embaixador de Portugal no Rio de Janeiro o nosso ilustre comprovinciano sr. dr. Manuel Rocheta, o qual desempenhara funções consulares em Hamburgo e Copenhague e cargos diplomáticos em diversos países. Exercia agora a função de embaixador em Bona.

Auguramos os maiores triunfos ao ilustre louletano no alto cargo para que acaba de ser nomeado e no qual trabalhará para estreitar a amizade com o povo irmão, o que lhe será facilitado pelo seu prestígio e pelos seus invulgares méritos.

ESTAMOS no defeso

ENTRÁMOS no período de defeso da pesca da sardinha. Após nove meses de labuta, os nossos barcos retornaram aos seus portos de armamento e agora, desarmados, aguardam as beneficiações de que carecem: reparações de motores, pinturas e a serra ou o machado do calafate. Três meses de hibernação ou de «sanatório» a recompostem-se das «feridas» de uma longa campanha, parte dela em mares distantes e nem sempre amigos. O sino da lota emudeceu, as fábricas deixaram de fumar, o cais já não tem movimento de peixe, acomodaram-se os camiões que se entretêm no transporte do pescado e apenas nos estaleiros e nas oficinas há ruído e movimento.

E' esta a paisagem do litoral algarvio nestes meses hibernais em que a actividade cessa. Os pescadores dispersaram-se; uns entretêm-se nas pescas costeiras e fluviais com os seus botes; outros cuidam dos seus hortijos e ainda outros, de papo ao sol, aguardam islamicamente a próxima campanha. Oxalá ela seja proveitosa, porque estamos a antever no horizonte nuvens carregadas que nada agouram de bom para esta gente do mar, nuvens que nós criamos e nuvens que as circunstâncias, independentemente da nossa vontade, acastelam na lonjura. Desjariamos sinceramente não ser pessimistas.



O sr. general Humberto Delgado (\*) apreciando a planta do terreno onde se pretende construir o aeródromo do Algarve

VAMOS TER, FINALMENTE, o aeródromo do Algarve?

FAZ hoje oito dias que na redacção do Jornal do Algarve se recebeu um telegrama da Direcção Geral da Aeronáutica Civil a prevenir que vinha à nossa Província o sr. general Humberto Delgado, director do importante departamento, a fim de apreciar a instalação de um aeródromo no Algarve. Dava-se assim, em parte, satisfação ao editorial que publicámos quando o ilustre oficial general tomou posse da Direcção da Aeronáutica Civil. Nós sabíamos, antecipadamente, porque conhecemos Humberto Delgado dos tempos já distantes de alferes-aluno no velho campo da Granja do Marquês, que o nosso apelo não ficaria sem resposta. E não podemos deixar de nos regozijar com o interesse posto neste problema do aeródromo do Algarve pelo ilustre director da Aeronáutica Civil. Na companhia do sr. tenente-coronel eng. de aeronáutica João Almeida Viana e eng. José Segura, ele veio no sábado à nossa Província. Recebido pelos srs. drs. Baptista Coelho, governador civil; José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província; Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro e Manuel Fonseca, secretário do Governo Civil, visitou, depois de lhe ser oferecido um almoço na Pousada de S. Brás, o sítio da Arábia, nos arredores da capital da Província, onde se projecta a construção do aeródromo. No local aguardaram-no os srs. eng. Serra, dos Serviços Técnicos da Câmara de Faro e Artur Neto, proprietário da maior parte do terreno que será abrangido pelo campo de aviação. O sr. general Humberto Delgado, que ficou bem impressionado com o acolhimento dos nossos comprovincianos, aproveitou a sua estadia para visitar o grande entusiasta da aviação civil sr. José Francisco lã.

Parece-nos desnecessário exteriorizar o nosso regozijo por ter sido ouvido o apelo que fizemos. Queremos apenas salientar uma circunstância que nos desvanece — a de que todos os nossos apelos ou reparos têm sido sempre considerados pelas entidades a que se dirigem. Isto prova que ao Jornal do Algarve assiste razão. Oxalá ela nunca nos falte!

O ALGARVE NA OBRA de Teixeira Gomes

por J. MIMOSO BARRETO

A PRINCIPAL norma a observar quando pretendemos estabelecer uma opinião séria, imparcial e desafectada acerca de qualquer escritor, é a que prescreve o contacto, na medida do possível directo, com a sua obra.

Isto porque, uns mais outros menos, sem abrir excepção, todos se personalizam, heteronimizam ou pseudonimizam nos seus escritos.

Só posteriormente a uma cuidadosa pesquisa de elementos, in loco, absolutamente livre de sugestões pró ou contra, só então devem ser convidados a contribuir, no exercício da sua especifica função adjacente, os trabalhos biográficos, bibliográficos e mistos.

Estamos, portanto, de acordo com Emilio Faguet, quando aconselha a «nunca ler o crítico de um autor antes de ler o próprio autor». Todavia, no caso de Teixeira Gomes não procedemos desta forma. Fizemos precisamente o contrário a nascer-nos, ainda muito novo, a curiosidade de ponderar certas referências que ouviamos, passageramente, sobre os seus livros. Com a intenção premeditada de dosear qualquer excesso de admiração interventiva, corremos ao encontro do autor pela mão dos biógrafos e bibliófilos e folheámos quanto pudemos haver a seu respeito, desde a comovedora reportagem de Norberto Lopes até à desconcertante dita auto-biografia reunida por Rocha Martins.

Sentimos, então, a necessidade de averiguar por que, diante das suas páginas, Fialho de Almeida se empolgou e não teve dúvidas em afirmar que estava ali o maior produtor português.

A leitura de trechos reproduzidos sob a forma de citações fragmentadas que fomos encontrando, principalmente nos trabalhos de Norberto Lopes e Urbano Rodrigues, acabou por decidir-nos a compulsar, quanto antes, a obra toda do escritor.

Continua na 5.ª página

A saúde é a maior riqueza

DEDO NO NARIZ

Quando se leva o dedo ao nariz, fere-se com facilidade a mucosa que o reveste interiormente. Os germes conduzidos pelas mãos e unhas são capazes de causar infecções locais, que podem trazer complicações graves, como meningites, septicemias, etc.

Evite sempre esgaravar o nariz com os dedos. Prefira assoá-lo suavemente.

A GRANDE E ETERNA PESCA DO FUTURO

SERÁ A DO ATUM E SIMILARES

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES

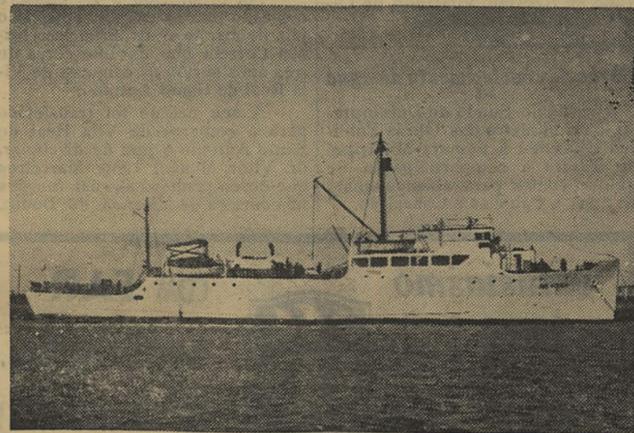
A pesca do alto também parece enfermar, de dada maneira, do mesmo mal, mas não com frequência tão notória.

A pesca longínqua, embora activa e produtiva presentemente, apre-

A pesca da sardinha, por exemplo, é praticada numa faixa marítima de cerca de quatro milhas de largura, a qual envolve a nossa costa de Norte a Sul.

Salvo o curto período de defeso

Pondere-se, pois, sobre as vastíssimas áreas marítimas a explorar, pelo que respeita à pesca desta importante espécie marítima (atum), comparadas com a insignificante área total, aliás com alguns indícios de exaustão, a que presentemente está afectada a exploração das antigas e cansadas pescas nacionais.



O atuneiro «Rio Vouga», da Empresa de Pesca de Aveiro, a primeira unidade que começou a exercer no Continente a pesca do atum à linha

Legal ou forçado, essa zona é permanentemente assaltada, desde Caminha a Vila Real de Santo António, por grande número de traineiras e tantas outras «artes» de pesca de variados tipos.

Não admira assim que depois de alguns sucessivos e rendosos assaltos, essa faixa se despovoe de pescaria, caindo então ela em estado de crise curta ou prolongada, a qual, normalmente, não será compensada pelo produto da pescaria anteriormente colhida.

Outro tanto virá a dar-se, embora não em tão larga escala, devido à maior extensão delas, nas restantes áreas de pesca são normalmente e quase sempre as mesmas. Os barcos para a sua prática aumentam em número e em tonelagem de forma assustadora. E os aparelhos de captura das espécies ictiológicas, sendo cada vez mais perfeitos, tornam-se por isso, dia a dia, mais rendosos. Resultado: a exaustão dos pesqueiros de áreas limitadas, em que essa actividade piscatória se exerce com certa persistência, em consequência do temível «vírus» da sobrepesca.

Assim, a pesca costeira, executada numa estreita faixa ao longo da costa com bastante permanência, apresenta por isso crises intermitentes que afectam grandemente a classe piscatória do extenso litoral português, com o seu tremendo cortejo de desagradáveis consequências.

Assim, a pesca costeira, executada numa estreita faixa ao longo da costa com bastante permanência, apresenta por isso crises intermitentes que afectam grandemente a classe piscatória do extenso litoral português, com o seu tremendo cortejo de desagradáveis consequências.

Assim, a pesca costeira, executada numa estreita faixa ao longo da costa com bastante permanência, apresenta por isso crises intermitentes que afectam grandemente a classe piscatória do extenso litoral português, com o seu tremendo cortejo de desagradáveis consequências.

Conclui na 4.ª página

Visado pela delegação de Censura

TEVE INVULGAR BRILHO A FESTA DE HOMENAGEM AO SR. COMANDANTE FIGUEIREDO

CONSTITUÍU um acontecimento de invulgar brilhantismo, a homenagem prestada, no domingo, ao comandante dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, sr. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo, por motivo da entrega da medalha de ouro, com duas estrelas, que lhe foi concedida pela Liga dos Bombeiros Portugueses. Para esse fim, deslocaram-se, propositamente, à nossa vila, os srs. António de Moura e Silva e Fernando Nunes, respectivamente, presidente e vice-presidente daquela instituição, e José Brás, vogal da mesma e comandante dos Bombeiros Voluntários de Almada. Estiveram também presentes representações dos Voluntários de Faro, S. Brás de Alportel, Silves, Portimão, Monchique, Odemira, Aljustrel e Moita do Ribatejo, e dos Municipais de Tavira, Faro e Loulé, formadas por comandantes, ajudantes, chefes de secção e praças, que se fizeram

acompanhar de viaturas de pronto-socorro e outras, numa verdadeira parada que contribuiu, extraordinariamente, para que a homenagem decorresse com grande luzimento.

As 15 e 30, os Bombeiros locais e aquelas representações formaram

Conclui na 5.ª página

CINEMA

No terceiro trimestre do ano passado subiu a 392.246 o número de espectadores nos cinemas do Algarve, tendo este número sido ultrapassado apenas por Lisboa, Porto e Setúbal. Não há dúvida que os algarvios gostam muito de cinema!



por CASIMIRO DE BRITO

Saudades do Teatro

Saudades do teatro, tem toda a gente. Até aquela camada de público que, praticamente, nunca viu teatro. Aí me incluo eu e toda uma juventude farense privada de uma Arte tão representativa, de uma Arte que nalguns países é até facultada ao povo pelo próprio Estado.

Mas Faro, que é uma cidade de 30.000 habitantes (para não falar na cidade imensa que é o Algarve todo), uma cidade cem por cento provinciana (e provincianizada), merece mais do que lhe têm dado. E quem lhe dá, ou não lhe dá, aquilo de que necessita, não é propriamente este ou aquele, mas sim a razão nem sempre racional que subordina os acontecimentos. Embora a compreensão e carolice consigam, muitas vezes, quebrar o enguicho...

A tecla, hoje, é o teatro. O que temos tido em Faro de Teatro? Pouco mais do que nada, para me referir aos últimos anos. É pouco mais do que nada, em anos (perdidos longos de 365 dias), é verdadeiramente desolador, Claríssimo que há muitos que não lhe sentem a falta. Mas também há a considerar que há muitos outros que dariam um pedaço da sua carne em troca de um pedacinho de teatro autêntico, Lorca ou Tennessee Williams, Miller ou mesmo de um dos autores portugueses mais ou menos em voga.

Mas voltando ao que tivemos nestes últimos anos: passou por cá um Teatro Desmontável, companhia afinadamente séria, mas que pouco mais nos deu do que peças «de faca e alguardar», dramalhões mais antiquados do que as cabeleiras postizas que bandeavam na cabeça dos actores e uma ou outra comédia mais ou menos comadre das paupérrimas comédiazinhas que a Emissora Nacional nos oferece entre um desafio de futebol e um programa de fadinhos da «esgraçadinha». Foi isso, se a imagem chegou onde eu quis que ela chegasse, o que trouxe cá o Teatro Desmontável. Mas, apesar disso, foi um princípio. Depois daquilo, seria bastante bom que, de vez em quando, nos dessem um pitu para matar saudades. Mas não: nem aquilo nem bolas. Apenas saudades...

Depois (quanto tempo depois!), um grupo de amadores representou «Prémio Nobel». Entrámos de parabéns. Mas saímos tão depressa como entrámos. A iniciativa morreu na casca — porque «Prémio Nobel» não passou de casca. Casca a prometer um ovo gordo e sadio, que não foi...

E, para não roubar ao dicionário as palavras mais angulosas que ele lá tem, não falarei aqui das péssimas revistas que uns senhores de Lisboa trouxeram cá, como quem dá pedacinhos de vidro colorido a um selvagem das Austrálias...

Fico-me por aqui. Teatro não peço porque seria pedir de mais. No entanto, se nos derem um pedacinho dele, palavra, palavrinha de honra, que ninguém perde com isso: eu, pelo pouco que posso, desatarei a escrever por aí, o mais alto que as letras de imprensa permitem, que em Faro também há teatro. Se os meus 20 anos não forem 40, quando isso acontecer.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO Telefone 475

POR INICIATIVA de um particular

Olhão vai ter 25 moradias para as classes pobres

OLHÃO — A prova de que a iniciativa particular pode colaborar com o Estado na resolução do problema da habitação, tivemos-na na última sessão do Município em que foi aprovado o projecto de uma entidade particular para a construção de um bloco de 25 moradias para as classes pobres.

A iniciativa merece os mais calorosos aplausos pois ela atenuará, embora em medida escassa, a crise de habitação nesta vila onde cerca de 600 pessoas vivem em casebres no Bairro da Lata, mais conhecido pelas Barraquinhas, casebres que não oferecem as mais elementares comodidades e que constituem até um perigo para a saúde pública. Não possuindo esgotos, as águas infiltram-se pelo terreno e escoam-se para a linha férrea, formando poças que serão focos de miasmas nocivos à saúde.

A iniciativa da entidade particular devia constituir estímulo para que outras entidades se abalassem também a construir casas para as classes pobres.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve em Vila Real de Santo António, no domingo, a fim de assistir à homenagem prestada ao sr. Luís Figueiredo, o sr. dr. António Joaquim d'Almeida, chefe da secretaria da Câmara Municipal de Loulé.

De visita a seus sogros, sr. Teodoro de Sousa Palma e sr.ª D. Maria Esperança Franco Palma, de S. Marcos da Serra, passaram a quadra festiva nesta povoação regressando depois para Oliveira (S. Pedro do Sul), o sr. Isau de Sousa Maio, esposa e filhinhos.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. arquitecto Manuel Gomes da Costa, nosso assinante em Faro.

Em goso de férias, esteve uns dias em S. Marcos da Serra, em casa dos seus pais, o regente-agricola sr. José Manuel de Sousa.

Encontra-se em Lisboa, especializando-se na profissão de cabeleira de senhoras, a sr.ª D. Julia Rosa Parra, filha do nosso assinante sr. José António Parra.

Deslocou-se a Lisboa, a fim de tratar de assuntos respeitantes à firma nossa assinante Mário S. Vargas & C.ª, Lda., de S. Marcos da Serra, o sócio-gerente da mesma sr. Mário Santinho Vargas.

Esteve em Vila Real de Santo António o sr. dr. Armando Colorico Drago, nosso assinante em Lisboa.

Foi passar o Natal a Lisboa e o fim do ano a Coruche, com sua esposa, a nosso correspondente em S. Marcos da Serra, sr. António Lourenço.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. José Sebastião Rodrigues, nosso assinante em Odeleite.

Esteve em Lisboa, a passar o fim do ano, com sua esposa, o sr. António Luís Franco, importante proprietário e industrial em S. Marcos da Serra.

Vimos nesta vila o sr. Eduardo d'Oliveira, nosso assinante na Lus de Tavira.

A fim de passar as festas do Natal com os seus familiares, foi a Lisboa, com sua esposa e filhos, o sr. dr. António Bernardino Ramos, nosso assinante em S. Marcos da Serra.

Regressou de Leça da Palmeira, com sua família, o nosso assinante sr. António Romão Francisco.

Esteve em Vila Real de Santo António o sr. dr. Pedro da Conceição Ventura, nosso assinante em Lisboa.

Com curta demora, esteve nesta vila o sr. Jorge O'Brien de Oliveira, nosso assinante em Faro.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. José Glória Coelho, nosso assinante em Lisboa.

Regressou de Matosinhos o nosso assinante sr. Eurico Martins Correia.

Esteve em Lisboa, com pouca demora, o sr. Rogério Coelho.

Encontra-se no Algarve, com curta demora, o nosso estimado colaborador sr. Hermenegildo Neves Franco.

Gente nova

Na maternidade do hospital desta vila, teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma menina, a sr.ª D. Maria da Encarnação Gomes Costa, esposa do nosso assinante sr. Rolando Costa.

Em Portimão, deu à luz uma menina a sr.ª professora D. Maria Madalena Campina Marreiros de Sousa Rodolfo, esposa do sr. eng. José Joaquim Ventura Rodolfo, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, em Silves.

Baptizado

Na Sé de Silves efectuou-se o baptizado da menina Maria Isabel Filipe de Faria Bastos, filha da sr.ª dr.ª Maria Isabel Filipe de Faria Bastos e do sr. tenente da Armada Jorge Teles de Faria Bastos. Aparentaram a neófito a sr.ª D. Isabel de Sousa Ornelas de Vasconcelos e o sr. arquitecto Gustavo de Faria Bastos.

Docentes

Vítima de um lamentável acidente ocorrido na sua residência, nesta vila, encontra-se hospitalizada em Faro, com fractura de uma perna e de um braço, a sr.ª D. Maria de Brito Sancho, esposa do nosso amigo e assinante sr. Manuel Dias Sancho.

Tem estado bastante doente o nosso assinante sr. António Martins (Luis).

Continua retido no leito, incomodado de saúde, o nosso assinante sr. Alexandre Fernandes Borges.

A todos, deseja o Jornal do Algarve rápidas melhoras.

CASAMENTO

Jovem, marinheiro da armada, 23 anos, honesto, deseja corresponder-se com menina de 18 a 30 anos para fins matrimoniais. Assunto sério. Resposta a Gaspar Pereira Marquês. N. R. P. Boavista — Lisboa.

ECONOMIA

RENDIMENTOS DAS SEMEITEIRAS NO ALGARVE

VAMOS dar os números referentes à percentagem de rendimento de alguns géneros cultivados em 1956 na nossa provincia. Os números da primeira coluna referem-se ao rendimento por quintal de semente para o trigo, centeio e batata e por hectolitro para os restantes géneros e os da segunda coluna ao rendimento por hectolitro semeado.

Table with 10 columns: Trigo, Milho, Centeio, Aveia, Cevada, Fava, Feijão, Grão de bico, Batata. Rows list various locations like Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Alportel, C. Marim, Faro, Lagoa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Portimão, Silves, Tavira, V. do Bipo, V.R.S. Ant.

Os norte-americanos pretendem limitar a importação de atum

Vimos na revista «Conservas de Peixe» que dois senadores, interpretando o sentir das actividades de pesca dos Estados Unidos, apresentaram no Senado um projecto de lei com as seguintes cláusulas: Limitar anualmente as importações de atum apresentado sob qualquer forma para 25% da média do seu consumo nos Estados Unidos durante cinco anos.

Aplicar ao atum congelado um direito de importação de seis centimos por libra-peso, acima de 15% da média de consumo, ou 100 milhões de libras-peso, e 3% por libra para os primeiros 15%, contanto que os primeiros 5% sejam livres de direitos.

Estabelecer os direitos sobre o atum de conserva enlatado de 45% «ad valorem», em vez de 35% como actualmente.

Aplicar este direito a todo o atum enlatado, quer em salmoura quer em azeite.

Três outros congressistas apresentaram também um projecto de lei similar com a diferença que pedem para o limite das importações de atum a percentagem de 35% em relação a 200 milhões de libras-peso.

Diz a citada revista que tais projectos não deverão ser aprovados na presente sessão do Congresso.

Se tais medidas forem aprovadas, não há dúvida que a economia dos países que exercem a pesca do atum será afectada. E daí não derivará de certo um acrescentamento de simpatia pela livre América.

Novos oficiais do Exército algarvios

Entre os novos alferes que na segunda-feira na Escola do Exército, em cerimónia que teve a presença do sr. Presidente da Republica, receberam as espadas e respectivas cartas de curso, figuravam os algarvios: Fernando Dinis Ferro, de Tavira, José António Jeremias Gonçalves, de Faro, ambos de Artilharia; José Martins Patricio, de Lagos, da Administração Militar; e Castela Rio, de Portimão, e José Júlio de Azevedo Vilarinho, de Lagos, ambos de Infantaria.

Obras de abastecimento de água

Através do Fundo de Desemprego, o sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Tavira a comparticipação de quinze contos para abastecimento de água a Cabanas e Conceição.



Fuseta de 6 a 15 de Janeiro. Valor da pesca neste período Total 155.536\$00

Table with 10 columns: Trigo, Milho, Centeio, Aveia, Cevada, Fava, Feijão, Grão de bico, Batata. Rows list various locations like Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Alportel, C. Marim, Faro, Lagoa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Portimão, Silves, Tavira, V. do Bipo, V.R.S. Ant.

Olhão de 9 a 15 de Janeiro. TRAINERAS: Restauração Estrela do Sul, Persistente. Total 24.900\$00

Armação de Pera de 9 a 15 de Janeiro. Valor da pesca neste período Total 19.920\$00

Portimão de 9 a 15 de Janeiro. TRAINERAS: Maria Odete, Oressa, Costa Azul, S. Paulo. Total 17.000\$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 10 a 15 de Janeiro

ENTRADOS: Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Português «Madeirense», de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Madalena», de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Italiano «Schedir», de 498 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Portugueses «Maria Christina», de 549 ton. e «Mira Terra», de 562 ton., ambos de Lisboa, vazios.

SAÍDOS: «Maria Christina» e «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Madeirense», para o Funchal, com sal; «Madalena», para o Funchal, com sal e figos secos; «Schedir», para Livorno, com conservas; «Maria Christina» e «Mira Terra», para Lisboa, com minério.

S. MARCOS DA SERRA

Estrada — Causou grande contentamento em toda a população o saber-se do concurso para arrematação da empreitada de construção da estrada de Messines a esta povoação. Foram expedidos telegramas de agradecimento a diversas entidades.

Ribeira de Odelouca — Estão quase concluídas as obras da passagem submersível na ribeira de Odelouca, no sítio do Castelo, que liga a esta localidade. Seria, também, de grande utilidade a construção de novas destas passagens, nos sítios dos Besteiros e Vale Pereiro.

Cobertura do barranco — Continua sem ser coberto o barranco do vale da Estalagem, que atravessa esta terra. Chamamos a atenção das entidades responsáveis, em virtude de aquele não oferecer garantias sanitárias.

Sociedade Recreio e Instrução — Foram eleitos os seguintes dirigentes para o ano corrente:

Assembleia Geral — Álvaro Santinho Coelho, Jorge Serafim Cabrita Marques, José Francisco Paleta e Manuel Martins Catarino.

Direcção — António Victorino Galrito, José Ledo Mendes, António Gonçalves Cabrita, Mário Augusto Franco e José António Cabrita.

Conselho Fiscal — António dos Reis Pinheiro Grilo, Manuel Marques Rocharte e Manuel António Ramos Perpétuo. — C.

OFERECE-SE

Reformado dos Caminhos de Ferro (com passe 75% da rede geral) e habilitado com o exame do 1.º grau da instrução primária, oferece-se para qualquer serviço compatível com as suas aptidões. Informa-se nesta Redacção.

CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

Aproxima-se da meia centena o número de novos sócios inscritos no Cine-Clube de Vila Real de Santo António, desde que no último número informámos os nossos leitores das regalias pelo mesmo concedidas, de duas sessões mensais, a partir de Março, sem aumento no preço da cota, e do desconto de 1\$00 por bilhete de plateia nas sessões normais do Cine-Foz recomendadas por aquele Clube de Cinema.

Além destas facilidades, há a registar ainda outra: nas sessões do Cine-Clube que não tenham classificação especial, todos os sócios podem fazer-se acompanhar dos filhos dos 12 aos 16 anos, os quais devem ocupar as primeiras filas da plateia.

Com o excelente filme «Entre Mulheres», exibido na quinta-feira, efectuou o Cine-Clube a 3.ª sessão recomendada, a que em breve outras se seguirão. Na sexta-feira, dia 24, às 21,15, no Cine-Foz, realiza a sua 25.ª sessão, com o belo filme «Loucuras de Milionário», de Alexander Mac-kendrick.

Produção corticeira

Nos três primeiros trimestres do ano passado a nossa produção corticeira foi a seguinte, figurando entre parêntesis a produção e valores no mesmo período de 1956: prancha, 36.941 toneladas, no valor de 899.285 contos (36.909 ton. e 411.823 c.); refugo, 14.462 ton. e 63.656 c. (12.853 ton. e 66.284 c.); aparas, 38.370 ton. e 135.732 c. (34.399 ton. e 142.584 c.); granulados e regranulados, 37.876 ton. e 139.988 c. (33.805 ton. e 141.597 c.); quadros, 2.947 ton. e 87.678 c. (3.043 ton. e 103.909 c.); rolhas, 6.402 ton. e 252.787 c. (5.967 ton. e 250.790 c.); discos, 659 ton. e 24.657 c. (632 ton. e 23.713 c.); outras manufacturas, 636 ton. e 29.906 c. (493 ton. e 24.682 c.); aglomerados puros, 14.920 ton. e 120.306 c. (12.569 ton. e 104.407 c.); aglomerados de composição, 6.007 ton. e 93.806 c. (5.139 ton. e 89.923 c.).

Verifica-se que houve uma baixa de valores importante.

DELEGAÇÃO EM FARO da Cruz Vermelha

No dia 26, com a presença das entidades distritais e concelhias, será inaugurado em Faro um posto de socorros da Cruz Vermelha, fazendo-se esta representar pelo presidente nacional, sr. dr. Castro Freire.

MADRINHA

Jovem, marinheiro da armada, deseja madrinha de guerra para conforto moral e espiritual. Resposta a Luís José Ferreira Simão. N. R. P. Boavista — Lisboa.

MOVIMENTO JUDICIAL no Algarve

Foi prorrogada por mais três anos a comissão de serviço que o juiz de direito de 1.ª classe sr. dr. Amadeu Varela Pinto exerce como corregedor do círculo judicial de Faro.

Foi promovido à 2.ª classe e colocado na comarca de Tondela o juiz de direito sr. dr. Francisco Nunes Correia que durante cerca de três anos serviu na comarca de Vila Real de Santo António.

A seu pedido foi transferido para a comarca de Vila Real de Santo António o juiz de direito sr. dr. Vítor Manuel Leite Marreiros que desempenhava as suas funções na comarca de Miranda do Douro.

Advertisement for 'entusiasmo COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE!!' featuring a woman pointing to a 'FAR' logo. Text includes 'FOGÕES FRANCESES DE FAMA MUNDIAL', 'MAIS RENDIMENTO MENOR CONSUMO ACABAMENTO IMPECÁVEL', and 'A GÁS-A GAZCIDLA (Adaptáveis a qualquer Gás)'. Distributors: J. COSTA & SILVA, LDA. Rua Arco da Bandeira, 79, 1.ª - LISBOA - Telefone 26713.

Diversas

A pesca do arrasto que se exerce nos portos de Lisboa, Cascais, Porto, Figueira da Foz, Aveiro e Peniche, rendeu, até Novembro último, 244.358 contos, correspondentes a 44.707.589 quilos de peixe. Da capital do País para o Sul não se exerce esta modalidade de pesca.

A produção de vinho no País que era em 1914 de 4.887.000 hectolitros, foi em 1956 de 10.965.000; por sua vez a produção de azeite que era de 292.000 hectolitros atingiu em 1956 o total de 1.017.000.

Dos 34.140 hectolitros de azeite produzidos em 1956 no Algarve, 13.949 oscilavam entre 4 e 8 graus de acidez e 15.786 tinham mais de 8 graus. Deve dizer-se que a produção total do País de azeite com mais de 8 graus foi de 25.689 hectolitros.

O rendimento da lota de Setúbal no mês findo foi de 2.938.708\$. Por sua vez Matosinhos, na segunda quinzena do mesmo mês, vendeu 418.706 cabazes, no valor de 18.592 contos.

De Janeiro a Setembro do ano findo tinham sido fabricadas 2.183 toneladas de filetes de anchova, no valor de 62.400 contos. No mesmo período do ano anterior fabricaram-se 1.551 toneladas, no valor de 46.981 contos.

SELAGEM ANUAL de cédulas marítimas

Foi publicado o decreto-lei n.º 41.495 cujo artigo único determina que: «A partir de 1 de Janeiro de 1958, os selos de capitação do Instituto de Socorros a Náufragos para a posição obrigatória nas cédulas marítimas, a que se refere a alínea b) do art.º 4.º do decreto-lei n.º 41.279 de 20 de Setembro de 1957, são dos valores de 20\$00 e 7\$50, os primeiros para a posição nas cédulas de oficiais ou praticantes de oficiais da marinha mercante e os segundos nas dos restantes marítimos inscritos nas capitánias dos portos do continente e ilhas adjacentes.

SERRALHEIRO

Precisa-se para trabalhar em empresa importante no Algarve com bastante prática e conhecimentos de motores Diesel. Resposta ao Apartado 33, Vila Real de Santo António.

BARDAHL

Advertisement for Bardahl gas stoves. Features an image of a stove and text: 'Desir com termostato', 'Intimité'. Text includes 'Fogões Franceses de fama mundial' and 'Mais rendimento menor consumo acabamento impecável'.

# O DESPORTO TAVIRENSE

## esse desconhecido...

ASSIM se pode definir o desporto em Tavira.

Apesar de parecer mentira, Tavira deve ser a única terra de entre todas as vilas e cidades de Portugal, onde actualmente não se pratica nenhum desporto. Onde a sua juventude, ao contrário da de todos os outros centros populacionais, em vez de se dedicar à vida sa que o desporto oferece, prefere os ambientes indignos da sua idade, tais como tabernas e bares, que tão prejudiciais são à moral humana.

Enquanto que, de Barlavento a Sotavento do Algarve, centenas de jovens de todas as terras na nossa Província, acorrem aos campos desportivos, oferecendo com a sua frescura, aos seus adeptos, um espectáculo maravilhoso, que se chama desporto, os tavirenses vivem indiferentes.

Mas, se entrarmos nalguns cafés da cidade, a qualquer hora que seja, em contraste, um quadro bem triste se nos depara. Ali, dezenas de jovens, muitos dos quais cujas idades não vão além dos 16 e 17 anos, levam horas agarrados às pedras de um dominó, disputando partidas por alguns tostões e acabando, por vezes, em fortes discussões.

Eis, pois, o único «desporto» a que o tavirense actualmente se dedica.

Mas, este é um mal que tem remédio e que precisa, infalivelmente, de ser remediado. O espírito da juventude carece de ser educado, porque nessa educação está a esperança na salvação e no progresso de uma cidade. Para tal é preciso que alguns bons tavirenses, movidos pelas razões apontadas, abram os olhos àqueles jovens e lhes indiquem o caminho e a verdadeira finalidade do desporto.

Infelizmente, em Tavira, ninguém se interessa pela educação física da juventude. Para o confirmar bastará dizer que a cidade não dispõe de um único campo para qualquer modalidade desportiva, existindo apenas um velho campo de futebol (se é que aquilo se poderá chamar campo de futebol), propriedade do Ginásio C. de Tavira, que, depois de caídas as primeiras chuvas se torna um autêntico lamaçal, inutilizado durante todo o inverno.

São estas as «facilidades» que se deparam aos jovens da cidade do Gilão.

O seu caso deveria ser apreciado e compreendido por todos os tavirenses e sobretudo pelas autoridades locais.

Ofir Renato das Chagas

## PESCA DESPORTIVA

A direcção do Clube Náutico, convida todos os amadores da pesca desportiva a comparecerem na sede deste Clube, na próxima segunda-feira, 19, às 21,30, a fim de se tratar da criação da sua secção de Pesca Desportiva.

# BASQUETE BOL

## Campeonato Distrital — 6.ª jornada

S. C. Olhanense, 34 — S. L. Faro, 27 (ao intervalo 18-14)

SCO: Flávio (6), Correia (6), Brito (10), Martins (6), Amaro (6), Costa.

S.L.F.: Pinto (14), Fontainhas-Carvalho-Jorge (6), Cavaco (7), Alexandre-Xavier-André.

Árbitro: Manuel Adano Inácio. Marcadores: Joaquim Jacinto dos Santos e Manuel Saias. Cronometrista: Eduardo Pires.

S. C. Farense, 42 — Lusitano F. C., 28 (ao intervalo 16-8)

SCF: Vinhas (14), Gago (16), Caronho (4), Afonso-Estevinha-Mónica-Eurico-Bastardinho (8), Belchior.

LFC: Gavino (4), Carro (2), Pinheiro (2), Branco (12), Albano-Leal (2), Andrade (6).

Árbitro: Gilberto M. Ferreira. Marcador: José Pedro dos Reis Alexandre. Cronometrista: Manuel Martins Afonso.

«Os Bonjoan», 32 — «Os Olhan», 52 (ao intervalo 15-33)

CFB: Cunha-Alcindo (2), Cruz (10), Ferreira (14), Jesuino (2), Bernardino-Adelino (4).

## Pense nos que são MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injeções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.

# ACTUALIDADES

# DESPORTIVAS



## FUTEBOL

### CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

O sorteio realizado na sede da Federação Portuguesa de Futebol para o Campeonato Nacional da III Divisão, oferece-nos relativamente à

VIII série (onde actuarão os clubes algarvios) o seguinte calendário: Primeiro dia: Lusitano-Silves, Desportivo-S. Domingos, Despertar-



Lusitano F. C., 1.º representante algarvio ao Campeonato Nacional da III Divisão

## Campeonato Nacional (II Divisão)

# Afinal, o «diabo» esteve atrás da porta... em «S. Luís»

Farense, 1 — Arroios, 3  
Golo de Remigio

Vimos o jogo, e acreditámos, sem reboço, no triunfo da equipa lisboeta. Houve «tradição», mas também houve convicção, na medida em que se viu confiança, amolecimento — quase desinteresse.

Quando o Farense quis impôr o seu estilo, era tarde. Os dados estavam lançados... A velocidade, o querer e a antecipação dos «tricolores», tinham tomado a dianteira pela meta do triunfo — uma dianteira impressionante.

Mais: a equipa visitante soubera sobrepôr-se ao seu primeiro tempo; soubera defender, depois, a margem e até confirmá-la.

A auto-confiança que gerara na mentalidade do «Leões» de Faro a ideia da invencibilidade, fora paga em «drama».

Quando a equipa quis, não pôde. Estava vencida, fulminada! O terceiro golo fora o tiro de morte na miragem do empate. A sua recuperação complicou-se na medida dos minutos decorridos — contados pelo cronómetro.

A ideia de uma tradição fatídica tomou vulto desde logo no centro do terreno — essa «mesa redonda», de 18,50 metros, onde os grupos põem os trunfos de que dispõem para a orgânica do triunfo na base da «fórmula» «médios-interiores». Ali, o «ás», «bisca» e «rei» estavam nas mãos do Arroios.

Vieirinha, Bento e Vinagre (lesionados), tinham demolido a ideia de um quadro «mágico», sem magia, não conseguindo dar consistência medular ao «team».

Depois, a dianteira, sem notas de eficiência, mais em atrito do que em suavidade, emparedada por uma defesa autoritária e demolidora, asfixiante mesmo, acabara por resumir toda a eloquência do seu jogo à expressão de um golo apenas.

Ficou a defesa, como única nota de resistência, perturbada sempre pela velocidade endiabrada, apego à luta e generosidade dum «elenco», que quisera, lutara e vencera com justo mérito.

Foi assim que a tradição morta ressuscitou em «S. Luís». Ao triunfo da «Picheleira» sucedera-se a derrota de Faro, com que Lisboa exultou.

Poderá dizer-se que foi orelha por orelha, dente por dente — pena de Talião... Mas não, a derrota de «S. Luís» fere muito mais. É mais dolorosa para todo o Algarve. Matou a invencibilidade do «leader», pelas mãos de um sétimo classificado. Tem foros de escândalo, queiram ou não os homens de Faro, em quem Faro continua a confiar, apesar de tudo.

Afinal, o «diabo» esteve atrás da porta... em «S. Luís».

Afinal, o «diabo» esteve atrás da porta... em «S. Luís».

## Três «ossos»... para amanhã

PORTIM. 23 p. - JUVENT. 25 p. (1-2)

O terceiro lugar tem, no domingo, a sua primeira eliminatória. O 2-1 de Évora pode ser negado, na medida em que os juventudistas jogarem para o sub-título.

Creemos mesmo que os algarvios vão ser vibrantes para superar a diferença que vai do 3.º ao 4.º lugar, e que afinal é de dois golos apenas.

Com a meta à vista, o «sprint» é de tentar...

OLHAN. 20 p. - MONTIJO 22 p. (0-0)

Estamos ainda a sete jornadas do termo da prova, e cremos que a última palavra sobre a Zona Sul continua por dizer...

Alentados por este pensamento, os montijenses descem ao Algarve a pensar que a sua qualificação não é um caso posto de parte, e que quando temos dez passos a caminhar, até ao nono é sempre «metade»...

Acreditamos no triunfo de Olhão, mas não sem verdadeiras dificuldades...

-Unidos, Aljustrelense-Moura; segundo: Silves-Desportivo, Moura-Lusitano, S. Domingos-Despertar, Unidos-Aljustrelense; terceiro: Despertar-Silves, Desportivo-Lusitano, Aljustrelense-S. Domingos, Moura-Unidos; quarto: Silves-Aljustrelense, Lusitano-Despertar, Desportivo-Moura, S. Domingos-Unidos; quinto: Unidos-Silves, Aljustrelense-Lusitano, Despertar-Desportivo, Moura-S. Domingos; sexto: Silves-S. Domingos, Lusitano-Unidos, Desportivo-Aljustrelense, Despertar-Moura; sétimo: Moura-Silves, S. Domingos-Lusitano, Unidos-Desportivo, Aljustrelense-Despertar.

Para amanhã, início do Campeonato teremos:

LUSITANO-SILVES  
D'SPORTIVO-S. Domingos  
Despertar-UNIDOS  
Aljustrelense-Moura

Algarve e Baixo-Alentejo vão iniciar a competição na ánsia de melhores dias, para o que cada um concorre com quatro trunfos. Conhecemos os algarvios, sabemos quanto valem e do que serão capazes. Sobre os alentejanos, o eco do seu valor chegou-nos por via verbal, pelo que aguardamos o primeiro teste para tirar conclusões.

Coruchense, 0 — Olhanense, 3  
Ângelo 2 e Parra

Depois da hora conturbada do Estádio Padinha, em que o Atlético esteve presente, veio a hora alta de Coruche, com que Olhão se reafirmou a si próprio e negou, até, o deslize da primeira volta.

Três golos sem resposta, dizem bem da hora e meia em que o grupo rubro-negro deu espectáculo, lição de «associativ» e «argentinitismo», manobrando e dominando pela arte do jogo e pela realidade dos números.

Dois virtudes coroaram o seu triunfo — a exibição e os dígito, que de braço dado passearam pelo campo da «Horta da Nora» e inspiraram o Olhanense.

Montemor, 0 — Portimonense, 2  
Di Paola e Alexandrino

O Montemor lutou contra a sua adversidade «estigmatizada» e contra um Portimonense, que, de olhos postos no 3.º lugar, quebrou a tradição, ganhando pela primeira vez, a poder de excelente prova.

Este pensamento ilustra bem as dificuldades do triunfo dos barlaventinos pelos «contras» que enleam sempre o desfecho e o seu futebol atacante e defensivo.

Só quem conhece o espírito de luta que uma equipa, condenada de antemão, põe em ambiente propício às possibilidades da «tábua» salvadora do submergimento, poderá avaliar quanto de homérico teve o triunfo portimonense.

António A. Santos

## Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase)

Resultados de domingo:

S. C. Farense, 1 — S. C. Olhanense, 1

Silves F. C., 2 — C. F. Esperança, 5

## Jogos para amanhã

Silves F. C. - S. C. Farense

S. C. Olhanense - C. F. Esperança

## SELECCÃO DA SEMANA

Daniel (Abade)  
Luz Coelho Rebelo  
Poeira Reina  
Costa Cava Ângelo Parra Silvio

ALGARVE-LISBOA (em números)

ALGARVE	57	36	5	16	126-066	77 pontos
Lisboa	57	22	11	24	110 106	55 pontos

# VELA

## AS REGATAS



## do XX Aniversário do C. D. «Os Olhanenses»

É DEVER e direito de toda a crítica informar honestamente os seus leitores, tecendo os comentários para tal necessários e úteis. Não são contudo, os críticos, infalíveis e, por vezes, também se enganam. Nesse caso, os criticados têm o direito de vir repor a verdade dos factos.

Foi o que sucedeu quando nos referimos às regatas do XX aniversário do Clube Desportivo «Os Olhanenses»... e foi o que igualmente pretendemos fazer a Secção de Vela do referido Clube.

Embora não seja nosso desejo ou norma ocupar o «Jornal do Algarve» com polémicas inúteis, como a resposta publicada da Secção de Vela, admitindo a sua boa fé, revela absoluto desconhecimento da legislação e normas da vela, e como ela sofisma a verdade dos factos, com o único fim de esclarecer os nossos leitores e a própria Direcção do citado Clube (que não tem qualquer culpa ou responsabilidade no assunto), vemos-nos forçados a voltar ao assunto.

Diz a Secção de Vela que não é uma «pseudo»-Secção de Vela (como afirmou João Neto, na «Folha do Domingo», e nós transcrevemos), porquanto está devidamente inscrita numa das Associações da Classe Moth. Ora isto não é verdade, pelas duas seguintes razões:

a) — A Secção de Vela não está — nem podia estar — inscrita numa Associação de uma classe vélica, porquanto essas associações, como é do conhecimento elementar de todos, não aceitam inscrições de clubes, mas sim individuais de proprietários de barcos e «Os Olhanenses» não possuem uma única embarcação.

b) — Mesmo que o estivesse, como todas as associações portuguesas de classes não estão devidamente legalizadas (nos termos do Decreto 32.946, de 3/8/45), tal facto não a legalizava, como quis fazer na sua carta publicada. Segundo o citado decreto, uma Secção ou Clube de Vela só está devidamente legalizado se tiver estatutos aprovados na D. G. D. e se for filiado na Federação Portuguesa de Vela. Ora, que se saiba ou conste, a Secção de Vela de «Os Olhanenses» não está filiada na Federação de Vela, nem o poderá estar como se encontra organizada, porquanto não satisfaz as condições mínimas prescritas no Art.º 9.º, dos Estatutos da F. P. V. Esta Secção de Vela, ao contrário do que diz e faz constar, nem sequer tem um único barco devidamente registado, conforme é indicado no Decreto-Lei 37.218, de 17-12-48, e na Portaria 12.815, de 12-5-49).

Sobre a sua tão falada frota de 3 «moths», também muito haveria a dizer, mas cremos que bastará citar que desses três barcos, um nunca esteve em Olhão e não está em estado de poder navegar, por não ter convés, e um outro também se encontra em Faro — guardado na Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro. Isto para que os leitores façam um juízo da veracidade da existência em Olhão de tal frota.

Sobre a ida de dois destes barcos à Madeira, correr ao Campeonato da Classe, pode dizer-se o mesmo que se diz da ida ilegal e abusiva da Secção de Vela de «Os Olhanenses» ao estrangeiro, levando o «snipe» do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa de Olhão, sem o conhecimento superior da O. N. M. P., sem estar filiada na Federação, e sem ter pedido a devida autorização à D. G. D., conforme é obrigatório pelo Decreto 32.946. Pode-se portanto dizer que isso nada prova, a não ser que na referida Secção de Vela tudo anda fora da lei e que esta a continuar assim dirigida, não só pode ocasionar o encerramento do Centro de Vela de Olhão da M. P., como até acarretar graves sanções ao próprio Clube, impostas pela D. G. D., por este enviar representantes seus ao estrangeiro, sem ter pedido a devida autorização.

E, para evitar falsa interpretação, abrimos aqui um parêntese para dizer que, se nos referimos a estes assuntos na nossa crítica, foi por sabermos que os factos já eram públicos e do conhecimento superior e por um dirigente de Lisboa, em conversa particular amigável, nos ter dito que era de boa política e de utilidade para determinado organismo vélico oficial de Olhão, levantar imediatamente esses problemas, a fim de que as entidades provinciais (delegado e sub-delegado regionais) tomassem imediatamente providências, pois se o não fizessem

e se elas tivessem que ser tomadas pelo organismo superior, isso seria muito pior e muito mais grave. Não há, pois, da nossa parte, qualquer má vontade para o simpático Clube «Os Olhanenses», nem para o desporto e o bom público olhanense. Até pelo contrário, e só lamentamos o termos de nos referir a factos e coisas que brigam com o nome de Olhão, sem que para tal contribuísse qualquer olhanense, ou mesmo algarvio.

Afirma ainda a Secção de Vela de «Os Olhanenses» que não pediu por escrito para lhe enviarem todos os barcos que se encontravam em Lagos e que não tem culpa que o Clube de Lagos lhes tivesse enviado.

Ora isto, se bem que seja verdade, sofisma a verdade dos factos, pois esse pedido foi feito telefonicamente, por várias vezes, pelo sr. Fernando Ferreira. E não é só o Clube de Vela de Lagos que o afirma. Afirma-o igualmente o sr. José Martins, Director do Centro de Vela de Lagos e funcionário superior municipal, pessoa de reconhecida rectidão e honestidade, num documento oficial, em poder do director do Centro de Vela de Faro da M. P., a quem «Os Olhanenses», se ainda tiverem qualquer dúvida sobre o facto, se poderão dirigir, pedindo a confirmação.

Poderá ainda a Secção de Vela de «Os Olhanenses» alegar que o sr. F. F. (que telefonou aos proprietários dos barcos em nome de «Os Olhanenses», dizendo que os mesmos se encontravam em Olhão) não fez esse pedido em seu nome, mas como director de um outro organismo, mas, nesse caso... tínhamos razão quando afirmámos que: «o seu dirigente, pelo facto de ser também dirigente de um organismo oficial, fez com que, abusivamente e sem consentimento dos seus proprietários, mesmo contra a vontade destes, fossem enviadas para Olhão, o que levantou gerais protestos».

E podemos até acrescentar: o que levantou gerais e oficiais protestos, pois não é já segredo para ninguém que a Delegação Provincial da M. P. telefonou oficialmente para o Centro de Olhão, proibindo que o «snipe» de Faro tomasse parte nas provas.

E, para terminar, queremos dizer à Secção de Vela de «Os Olhanenses» que não é nosso hábito insinuar isto ou aquilo. Costumamos, sim, fazer afirmações concretas e claras, como o eram as contidas na nossa crítica às regatas do XX Aniversário do C. D. «Os Olhanenses».

Fernando do Valformoso

## Federação Portuguesa de Futebol Quem avisa...

Para conhecimento dos clubes filiados e demais interessados, a seguir se transcreve o officio n.º 41, de 7 do corrente, que a Federação endereçou o Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem.

«Chega ao conhecimento deste Sindicato que ao serviço de vários clubes desportivos filiados na Federação da digna presidência de V. Ex.ª vêm exercendo a actividade de enfermagem alguns indivíduos que não possuem a respectiva carteira profissional, título indispensável para a prática da referida actividade, nos termos do despacho de Sua Ex.ª o subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, de 18 de Outubro de 1947, publicado no Diário do Governo n.º 253, II Série, de 30 do mesmo mês e ano.

Por outro lado dispõe o art. 32.º do Decreto-lei n.º 38.884, de 28 de Agosto de 1952 que a partir de 1 de Janeiro de 1953 só poderão prestar serviço profissional de enfermagem os indivíduos diplomados nos termos do referido diploma.

Nestas condições este Organismo, dentro das atribuições que lhe competem legalmente, será forçado a comunicar às respectivas autoridades as infracções que se vêm verificando.

No entanto, e porque tal resolução virá trazer prejuizos não só aos infractores, como também aos próprios clubes, resolveu a direcção deste Sindicato «levar o assunto ao conhecimento de V. Ex.ª, rogando se digno chamar a atenção dos clubes filiados nesse Organismo para as disposições citadas, promovendo que os interessados legalizem urgentemente a sua situação.

Certo que V. Ex.ª dará ao assunto o melhor acolhimento, apresentando os nossos melhores cumprimentos e protestos de elevada consideração.»

# A GRANDE E ETERNA PESCA DO FUTURO O QUE ACERCA DO PROBLEMA HOTELEIRO

## SERÁ A DO ATUM E SIMILARES

Conclusão da 1.ª página

zonas de pesca, se é que tal facto se não está já a verificar.

Ponderado o exposto, será caso para se perguntar: e para que insistir em tirar proventos tão pouco substanciais de algumas dessas zonas de pesca já quase exaustas, quando é bem certo que dispomos de um grande mar (o Mediterrâneo) e de um vastíssimo oceano (o Atlântico), que nos poderão facultar pesqueiros quase sem conto para a captura do atum e similares, os quais não serão susceptíveis de ser atacados pelo temível «vírus» da sobrepesca?

### A pesca do atum no Mediterrâneo e no Atlântico

O mar Mediterrâneo deverá oferecer, de facto, vários pesqueiros para a captura do atum, tanto na sua parte ocidental e central como na oriental, embora não tão férteis como os do Atlântico.

O oceano Atlântico poderá igualmente, e com mais forte razão, facultar inúmeros e profícuos pesqueiros, no hemisfério Norte, na vastíssima zona de mar compreendida, ao Sul e Norte, pelo equador e paralelo dos 40 graus Norte, e, a Leste e a Oeste, pelas costas da África e Europa, por um lado, e as das Américas, pelo outro; e, no hemisfério Sul, esses importantes pesqueiros existirão também, em grande abundância, na área delimitada, ao Norte e ao Sul, pelo mesmo equador e paralelo dos 50 graus Sul, e, a Leste e a Oeste, pelas costas da África e da América do Sul, os quais poderão vir a ser explorados de forma altamente produtiva no que respeita à pesca do atum e similares.

Pondere-se pois sobre as vastíssimas áreas marítimas a explorar, pelo que respeita à pesca desta importante espécie marítima, comparadas com a insignificante área total, aliás com alguns indícios de exaustão, a que presentemente está afectada a exploração das antigas e cansadas pescas nacionais.

Sem que desprezemos, de forma nenhuma, estas antiquadas mas úteis actividades piscatórias, aliás de alta importância para a economia nacional, embora actuando em áreas algo limitadas e algum tanto gastas, deveremos contudo considerar em elevado grau a infinidade de férteis pesqueiros que matiza quase todas as áreas do Atlântico e Mediterrâneo para a captura do atum e similares, visto que até então não têm sido exploradas convenientemente, como bem merecem e como as circunstâncias parecem estar a exigir, por bem necessárias à economia geral.

### A necessidade das respectivas companhias criarem organizações de pesca móveis

As Companhias de Pescarias existentes em Portugal deverão desde já, no seu próprio interesse e no da colectividade, enviar os seus melhores esforços no sentido de criarem organizações de pesca para a captura do atum e similares nas áreas do Atlântico, Sul e Norte, e Mediterrâneo, Ocidental, Central e Oriental.

Essas organizações deverão, em princípio, compreender flotilhas de atuneiros de várias tonelagens que, com canas de pesca e aparelhos de muitos anzóis, espécie de aparelho de «caçada» flutuante, possam realizar a pesca do atum e similares em paragens próximas e longínquas, a partir dos portos de armamento, a exemplo do que se faz no Japão, nos Estados Unidos da América e em França, com rendimento de alto nível económico.

Será esta uma das importantes modalidades de pesca para se tentar elevar o nível de vida do nosso pescador que, de forma geral, ainda é muito baixo, a despeito dos importantes esforços dispendidos pelos Organismos Corporativos para esse efeito.

Haverá que ponderar que a pesca do atum e similares no hemisfério Norte, deverá ser mais proveitosa nos meses que vão de Abril a meados de Dezembro, ao passo que no hemisfério Sul essa proficuidade deverá manifestar-se, em mais ampla escala, no período que decorre de Outubro a meados de Junho.

É quanto nos diz a hipótese que sobre o movimento migratório do atum formulámos em devido tempo. Portanto, os atuneiros poderão exercer a sua actividade piscatória no nosso hemisfério de Abril a meados de Dezembro com certo êxito, passando depois à prática do exercício da pesca no hemisfério oposto, de Outubro a meados de Junho, com êxito idêntico.

É que a movimentação migratória do atum está invertida em ambos os hemisférios, porque trocadas estão também neles as respectivas estações.

Admitimos a possibilidade de as flotilhas de atuneiros poderem fazer-se acompanhar de barcos-fábricas de conservas de peixe que no mar operariam com matéria prima bem fresca, a qual, de facto, produz conserva muito mais apreciada do que aquela que produz o atum congelado.

### A necessidade de alimentar a população do mundo

A população do mundo cresce em proporções assustadoras e, assim, aumenta de muitos milhões em cada ano. Nem as guerras nem as epidemias conseguem obstar a essa expansão desvairante. E essa população, cada dia mais densa, tem de ser alimentada em condições de poder trabalhar e viver. E por esse motivo e outros mais, torna-se necessário e indispensável organizar e pôr em acção novas fontes de produção, visto que elas ainda não existem em abundância.

É que o globo terrestre está sendo cada vez mais pequeno para conter os que o habitam e não cessam de se multiplicar em obediência às leis naturais e imutáveis, a despeito de ainda possuir recursos inexplorados que constituem preciosas reservas para o futuro, tais como pesqueiros para a captura do atum e similares em número quase infinito.

São pois esses recursos que convém mobilizar para que a fome não surja a complicar ainda mais a vida e a criar-lhe dificuldades, aliás mais fáceis de evitar do que vencer.

E o que os franceses estão a operar em Dacar, obra importante e meritória, poderão os portugueses realizar, com a possível brevidade, no Continente e nas Ilhas Adjacentes, na Guiné, nos arquipélagos de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, em Angola e, até, em Moçambique, visto que o oceano Índico, inexplorado na parte Sul sob este aspecto, deverá ser fértil na espécie a que nos estamos referindo: o atum e similares deste.

Pená é que estejamos a menosprezar fonte de riqueza tão abundante e tão altamente produtiva e, em contrapartida estejamos a preocupar-nos excessivamente com actividades piscatórias tão gastas e quase caducas, quando é bem certo que elas, a despeito de todos os esforços, não conseguem atingir um dos objectivos que, com elas, se têm em vista: elevar, de forma condigna, o nível de vida dos nossos pescadores, ao que parece terem inteiro jús.

José Salvador Mendes

## VENDE-SE

Um autoboard de luxo, equipado com motor JOHNSON, de 25 cavalos, arranque eléctrico, com 20 horas de uso. Velocidade: 20/30 M. P. H.

Um motor marítimo diesel, marca STHIL, de 12/14 H. P., em estado novo, equipado com veio, manilha, hélice e inúmeros acessórios.

Dois motores novos industriais, diesel, marca GULDNER, de 5/6 H. P. Ainda não trabalharam.

Dirigir a:

ABEL FIGUEIREDO LUÍS — Lagos

## NECROLOGIA

Faleceram:

Em SILVES — o sr. José Saturnino Guerreiro, de 85 anos, reformado da firma Avern & Bucknall, casado com a sr.ª D. Josefa Tavares Marques Guerreiro e pai da sr.ª D. Noémia Marques Guerreiro e dos srs. José de Paulo, Jaime e Francisco Marques Guerreiro.

— o sr. Francisco das Neves, de 77 anos, proprietário, do sítio de Vale de Lama, daquele concelho, casado com a sr.ª D. Cremilde da Silva Neves e pai da sr.ª D. Maria Felix das Neves e dos srs. José, Manuel e Francisco Felix das Neves.

Em ESTOMBAR (Lagoa) — na sua quinta daquela freguesia, para onde se retirara há tempo, o sr. José Raimundo Alves, de 72 anos, antigo dispenseiro de bordo e que durante 35 anos foi concessionário do restaurante da estação de Alfaietas tendo também explorado o restaurante do Cine-Teatro de Portimão. O extinto legou a maior parte dos seus bens à Junta de Freguesia de Estombar da qual era presidente.

Em S. MARCOS DA SERRA — o sr. Miguel Ramos, de 76 anos.

Em ALMADA — a sr.ª D. Eugénia Guerreiro Próspero, de 57 anos, natural de Silves, mãe das sr.ªs D. Adelina Guerreiro e D. Maria Eugénia Próspero dos Santos e dos srs. António Guerreiro e Joaquim Próspero dos Santos.

Em LISBOA — o sr. Joaquim de Almeida Maldonado, de 52 anos, natural de Olhão, funcionário do Estado, casado com a sr.ª D. Vitorina Melo Maldonado, pai da sr.ª D. Maria do Carmo Maldonado Pires Mendes, casada com o sr. Vítor Manuel Pires Mendes.

— a sr.ª D. Narcisa Rosa, de 85 anos, natural de Tavira.

— a sr.ª D. Maria da Rosa Gaspar, de 29 anos, natural de Faro.

— a sr.ª D. Beatriz da Piedade Filipe Ferreira, de 54 anos, natural de Loulé, casada com o sr. Domingos Rodrigues Ferreira, mãe das sr.ªs D. Donatila Maria da Piedade Ferreira Sampaio e D. Aurinda Ma-

ria Piedade Ferreira e sogra do sr. Américo Gonçalves Sampaio.

— a sr.ª D. Maria Francisca Barreto Velhinho, de 77 anos, mãe das sr.ªs D. Maria Francisca, D. Isabel e D. Francisca e dos srs. António, Domingos e Horácio Velhinho.

— o sr. Manuel Rodrigues Santos, de 59 anos, solteiro, fotógrafo, natural de Faro, irmão da sr.ª D. Dolores Martins Rodrigues.

— a sr.ª D. Maria Júlia Bentra do Nascimento, de 33 anos, natural de Ferragudo, casada com o sr. Mário Furtado do Nascimento.

As famílias enlutadas apresentam o *Jornal do Algarve* sentidos pesames.

## ÓCIOS

### DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

O PRAZER e a dor andam ombro a ombro nas relações dos sexos. Aquele é efêmero como o minuto em que se manifesta, e esta tem a duração da palavra escrita.

O PONTO mais sensível da complexão humana não está nos órgãos de maior volume e prestabilidade, sem o funcionamento normal dos quais é impossível a vida. Vamos encontrá-lo numa insignificante e desprezível saliência dos nossos braços, que recebe o nome vulgar de cotovelo. Por ele deriva, não obstante, o nervo central, reagindo com extrema violência ao mais leve contacto. Da sua dor se morreria, se durasse um minuto.

EM amor, poucos são os homens cujos actos correspondem às palavras.

O AMOR é um nobre sentimento, à sombra do qual mora o instinto profundo que avizinha os seres.

J. Alvarez Sénior

# O QUE ACERCA DO PROBLEMA HOTELEIRO

## diz o sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão

Do sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do *Jornal do Algarve*

A propósito das «Considerações sobre o problema hoteleiro» publicadas no n.º 41 do seu conceituado semanário, sob a assinatura do sr. Joaquim Marques Jacob, permita V. que lhe envie algumas impressões e esclarecimentos.

Toda a gente conhece, mais ou menos, o Jacob dos tempos bíblicos, consagrado pelo Poeta, pela sua pertinácia no amor... «e mais servira, se não fora para tão longo amor tão curta a vida».

Este Jacob de agora, o das considerações hoteleiras, que, de poucos ou de ninguém é conhecido, também timbra pela persistência mas no maldizer... e se mais não dissera foi porque a sua crueza não lhe fora consentida.

Verifica-se através das suas considerações que o sr. Jacob teve por objectivo único focar a Praia da Rocha e que, depois de referir-se ao caso do sr. Saldanha Lima Paula, se atira, iracundo e façanhudo, às dificuldades levantadas pela Câmara Municipal que tem entravado, no dizer dele, as intenções de desenvolvimento hoteleiro do sr. dr. Frederico Mendes, demorando e protejando as obras de ampliação da sua vivenda naquela Praia, onde se acha instalada a Pensão Sol, que ali funciona mercê da boa vontade da Câmara.

Analisemos os casos apontados:

Há cerca de trinta anos, o sr. Saldanha Lima, numa feliz e louvável iniciativa, construiu no local do antigo Hotel Viola o Grande Hotel da Praia da Rocha, ainda hoje um bom estabelecimento na especialidade.

Não consta que, nos últimos oito anos, o sr. Saldanha tenha deixado de melhorar a sua indústria devido a entraves levantados pela Câmara, onde também não consta que aquele sr. tenha apresentado qualquer sugestão ou petição nesse sentido.

É de todos sabido que o Estado, nos últimos anos, tem promulgado leis de protecção à indústria hoteleira, inclusivamente concedendo-lhe a faculdade de utilizar o processo da expropriação.

Qualquer iniciativa daquele sr., no sentido indicado, junto deste corpo administrativo, seria, sem dúvida nenhuma, bem aceite e amparada.

Com certeza que o sr. Jacob não desconhece que o Estado impõe, muito justamente, a existência de planos de urbanização para as sedes dos concelhos e centros de turismo a fim de evitar a anarquia nas construções e na estética urbana, e que promulgou também o Regulamento Geral das Edificações Urbanas, para que a construção de prédios deixasse de estar condicionada aos caprichos económicos e fantasias de estética dos respectivos proprietários.

O sr. dr. Mendes possui várias vivendas na Praia da Rocha, estando numa delas instalada a Pensão Sol que mercê da competência profissional do sr. Domingos dos Santos Gomes está hoje em franco progresso e acreditada como estabelecimento hoteleiro onde se serve bem. Naturalmente que estando o estabelecimento acreditado aumenta a sua clientela.

De certo por estes motivos apresentou o sr. dr. Mendes, em Março de 1956, um requerimento em que mencionava as obras de ampliação que pre-

tendia levar a efeito naquela vivenda e pedia que a Câmara se pronunciasse sobre o assunto. Submetido ao urbanista, este foi, em resumo, de parecer «que as obras a projectar deverão limitar-se às que as disposições do Plano e o Regulamento Geral das Edificações Urbanas permitem realizar no local considerado, reservado a construções unifamiliares». Em Novembro de 1956, o sr. dr. Mendes requereu a referida ampliação e junta a planta do que pretende. Submetido o assunto ao urbanista, este apontou as deficiências técnicas e as condições em que o projecto deveria ser revisto, chamando a atenção do requerente para o seu parecer anterior.

Em Fevereiro de 1957, o urbanista informava que a ampliação da Pensão Sol era de autorizar desde que a área coberta da moradia e anexos não excedesse os limites fixados no Ante-plano de Urbanização da Praia da Rocha.

Naturalmente, para um estabelecimento progressivo como a Pensão Sol, bom seria que se construísse um edifício destinado a aquele fim e em local próprio, segundo o Plano.

Isso seria contribuir para o desenvolvimento da nossa Praia, além de constituir um bom emprego de capital. É impossível instalar um bom estabelecimento hoteleiro numa vivenda particular sem condições, porque não foi construída para aquele fim.

Por estes motivos se verifica que a Pensão Sol se encontra já espalhada por várias vivendas, com todos os seus inconvenientes.

Em Maio de 1957, o mesmo proprietário, tendo tomado em consideração as indicações do projecto para a referida ampliação que, após parecer favorável do mesmo foi aprovada pela Câmara. Nesta aprovação não teve qualquer interferência o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo.

Em Julho seguinte, apresentou os cálculos de betão armado que foram aprovados, tendo o requerente obtido a respectiva licença para obras.

Em 18 de Setembro último, solicitou licença para ampliar uma varanda e substituir uma pequena cobertura o que lhe foi deferido assim como a licença requerida posteriormente para uniformização dos muros de vedação.

Em Novembro de 1957, é apresentado à Câmara outro projecto para nova ampliação da Pensão Sol que mereceu do urbanista a informação de que «as obras já autorizadas estão nos justos limites impostos pelo Regulamento do Plano de Urbanização da Praia da Rocha» pelo que foi indeferido.

São estes os entraves que a Câmara levantou no caso apontado pelo sr. Jacob.

Sr. Director: o errar é humano e as Câmaras Municipais estão sujeitas a erros e defeitos próprios dos homens. Estou, porém, certo que um defeito que não pode ser apontado à Câmara Municipal de Portimão, é o de ter entravado o desenvolvimento hoteleiro da Rocha. E, se não, vejamos: As empresas, Sociedade Foz do Arade e Coprol, apresentaram projectos para a construção dos hotéis «Infante de Sagres» e «Miramar», o primeiro destinado a um grande estabelecimento para 150 quartos e o segundo a um

bloco habitacional misto, que, a terem realização, representam melhoramentos de incalculável projecção para a referida estância balnear. A localização de ambos os edifícios está fora das áreas previstas no Plano para fins hoteleiros. Mas a Câmara no intuito de não levantar quaisquer entraves e fomentar essas construções promoveu a alteração do Plano para que ambos os edifícios possam vir a ser uma realidade.

Devo acrescentar que, desde 1950, foram presentes a esta Câmara requerimentos e projectos para as seguintes obras: Nove construções novas; duas grandes reconstruções; onze ampliações e melhoramentos, além de muitas outras de menor importância, tendo todos sido aprovados.

Os entraves à construção na Praia da Rocha verificaram-se sim, nos tempos em que estava em vigor o art.º 11.º de uma postura de obras (datada de 29 de Junho de 1942) cujo texto é o seguinte: «A licença só será concedida quando estejam cumpridas todas as formalidades legais e mais a de que a implantação dos prédios seja feita em terrenos previamente urbanizados, ficando à custa do proprietário de tais terrenos a abertura e pavimentação das ruas, assim como os colectores gerais de esgoto e água».

Foi depois alterada apenas com referência à Praia da Rocha.

A alteração é do seguinte teor: «As licenças só serão concedidas quando estejam cumpridas todas as formalidades legais e mais a de que a implantação dos prédios seja feita em terrenos previamente urbanizados; quando não seja assim ficará à custa dos proprietários de tais terrenos e dos requerentes de tais licenças a abertura e pavimentação das ruas, assim como a construção dos colectores gerais de esgoto e água». § 1.º — Em toda a área abrangida pelo plano de urbanização da Praia da Rocha será somente exigida a abertura dos arruamentos». Esta alteração consta do edital desta Câmara de 7/11/944.

O então presidente da Câmara era proprietário de terrenos naquela Praia, destinados a urbanização e a venda. Apresento a V. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Paços do Concelho de Portimão, 16 de Janeiro de 1958.

O Presidente da Câmara, Salvador Gomes Vilarinho

N. R. — Em virtude da hora tardia a que nos foi entregue a carta acima, fomos forçados a inseri-la nesta página, o que não representa menosprezo pelo seu autor, por quem, aliás, temos a maior consideração.

O Jornal do Algarve está à venda nos seguintes locais:

Lisboa — Tabacaria Mónico, Rossio.

Portimão — Casa Inglesa.

Albufeira — João de Veiga.

Vila Real de Santo António — Havaneza, R. Teófilo Braga.

# O ALGARVE NA OBRA TEVE INVULGAR BRILHO

## de Teixeira Gomes

Continuação da 1.ª página

Julgávamos, até aí, que a técnica, a grande técnica da fraseografia, atingira, na literatura portuguesa, os pontos culminantes em Herculano, Eça e Camilo, e hibernara nas suas páginas! O autor do *Agosto Azul* provou-nos que assim não fora, que não hibernara.

Teixeira Gomes nunca foi seduzido pelos juízos da crítica oficial, e deixou provada uma total indiferença pela opinião pública: «Os preceitos sociais, os fundamentos da opinião, os votos de louvor e censura, tudo me é alheio» — diz ele, no *Agosto Azul*; e já anteriormente, a propósito de João de Deus, escrevera no *Inventário de Junho*: «O homem de génio despreza os louvores e as críticas».

Ele próprio constituía o seu público, ao qual pertencia, quase exclusivamente, um grupo de amigos seleccionados: «Mais de uma vez tenho explicado (ou confessado) que me é impossível pensar no público quando escrevo, naquilo a que se chama o público, obrigando-me assim a imaginar que me dirijo a algum ouvinte muito da minha simpatia e estima, cujas qualidades e sentimentos estéticos eu conheço a fundo, e a quem escolho consoante o assunto de que trato».

Em resultado deste desdém absoluto pelo crítico mordaz oulouvaminheiro e pelo público banal, os seus «ouvintes» eram, normalmente, os mesmos.

Deste facto, e de a sua vida ter decorrido permanentemente instável, advém a razão pela qual a sua obra, na quase totalidade, se inscreve no género epistolográfico: «...Dai o carácter epistolográfico das minhas composições».

Nele, a epistolografia é mais propriamente meio de revelação do que processo de formação literária. Teixeira Gomes era um ausente constante, um profissional da viagem. Por isso, as cartas constituíam para si, via única, via costumada de comunicação.

A «mania epistolar», como dizia umas vezes, ou «febre epistolar», como escrevia outras, proporcionou-lhe reunir um verdadeiro monumento epistolográfico: «Pouca gente terá havido que escrevesse tantas cartas como eu».

Através da volumosa correspondência para os amigos, em que esbanjou prodigiosas qualidades de narrador, chegaram até nós acabadas críticas de arte, primorosas descrições evocativas de cidades, monumentos, paisagens, perfeitas reportagens. Ele mesmo reconhece a sua «decidida vocação» para repórter.

De certos autores — por exemplo, de João de Deus, podemos dizer que foi poeta do amor; de José Duro, poeta da morte. Teixeira Gomes, esse, foi um espírito aberto a uma universalidade de temas. A sua temática gira, no entanto, em volta de um único conceito — a beleza, que tremeluz em tudo que o rodeia, desde os requebros aliantes de um corpo feminino até os misteriosos arrebatamentos experimentados diante de uma paisagem exótica.

A beleza — proclama Teixeira Gomes — encontra-se até nas deformações mais horrorosas.

Eis, pois, aqui a noção de belo-horrendo predominantemente plástica mas que, todavia, perpassa nas suas páginas.

O estilo de Teixeira Gomes se-

duz pela intensidade luminosa das ideias, pela comedida opulência vocabular, pela repercutida sonoridade dos termos, pela riqueza desartificiosa da construção, pela sublime variedade do ritmo, pela perfeita propriedade das imagens, em harmoniosa correspondência com as recreações visuais em que se inspiravam.

A sua prosa é viril, adamastoreanos são os rochedos da costa algarvia, musa inspiradora que o acompanhou sempre do princípio ao fim da vida.

O estilo — escreve ele — é a tendência constante para uma perfeição pessoal, a exclusiva maneira, rude ou elegante de exprimir que satisfazia o escritor.

Em primeiro lugar, portanto, o estilo constitui (como se desprende das suas palavras) uma afirmação de personalidade que tem por fim — acentua — satisfazer o próprio autor. Ou seja: enquanto para a maioria de quem escreve, o que conta é o fenómeno receptivo, o acolhimento do leitor, a Teixeira Gomes, que começa por não desejar leitores, mas «ouvintes» (e por isso ele é um escritor estruturalmente dinâmico) interessa, acima de tudo, o momento criador, inteiramente livre de regras impostas e de opiniões importunas.

Sobre este assunto de processologia estilística ele se nos confessa avesso às camisas de forças das escolas literárias: «Eu nunca pregaria revoluções artísticas — tão conforme estou com todos os géneros, ainda os mais contraditórios ou heterodoxos, quando me sensibilizem».

O estilo de Teixeira Gomes é, como espelho perfeitíssimo da sua individualidade, rebelde a todas as disciplinas — pôs em evidência Tavares Rodrigues; e o certo é que as grandes afirmações de personalidade se traduzem, normalmente, por manifestações de rebeldia.

Tocar outra vez no que escrevia era, segundo a sua expressão, «correr o risco de ter de refundir». A forma definitiva dos trabalhos que lhe saíam da pena seria a que ele lhes daria se os pudesse ler mais uma vez depois de os ter lido pela última vez.

«Ouçamos» o que diz Teixeira Gomes acerca da arte de escrever: «O escritor não vale só pela estreme escolha dos vocábulos que emprega, pela sua vernaculidade, limpeza e colorido; vale amiúde (quando é grande) muito mais pelas analogias que lhes descobre no sentido, aproveitando-as em metáforas que alargam a significação e fortalecem o carácter das coisas que descreve»;

«Todos os grandes escritores têm a sua música pessoal que insensivelmente lhes ritma a prosa»;

«O conhecimento exacto da significação das palavras é indispensável à expressão pontual do pensamento. É essencial estudar os clássicos, não só para escrever e falar com elegância, mas, sobretudo, para saber o que se diz escrevendo ou falando».

(continua) J. Mimoso Barreto

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas  
«EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Conclusão da 1.ª página

em frente do edifício dos Paços do Concelho, tendo-lhes passado revista o presidente da Câmara, sr. Matias Barroso Gomes Sanches, acompanhado pelo comandante Figueiredo e pelo presidente da Liga.

Em seguida procedeu-se ao acto de homenagem na sala das sessões do nosso Município. Presidiu o sr. Matias Sanches, que tinha à sua direita o presidente da Liga, o homenageado e o sr. dr. José Gonçalves Fagulha, presidente da Junta de Província do Baixo Alentejo, e, à esquerda, o Presidente da Junta de Província do Algarve e da comissão distrital da U. N., sr. dr. José Correia do Nascimento, e o sr. José Rodrigues Marques, presidente da direcção dos Bombeiros locais.

Entre a numerosa assistência, que era constituída por pessoas de todas as classes sociais e por individualidades em destaque no nosso concelho e no de Castro Marim, estavam também presentes a sr.ª D. Maria Teresa Ortigão Gomez Sanchez, provedora da Misericórdia; os srs. tenente «alcalde» Enriquer Nieto, representante do «alcalde» de Aiamonte, drs. Eduardo Silveira Ribeiro, cónsul de Portugal naquela cidade, Raposo Botelho, inspector das Alfândegas, João Maria Morgado Viegas, chefe da delegação aduaneira, Manuel Pereira Fernandes Vargas, conservador do Registo Civil e António Joaquim de Almeida, chefe da secretaria da Câmara Municipal de Loulé; rev. Joaquim Humberto Galhardo Palmeira; capitão Inácio Monteiro Pacheco, comandante do terço local da L.P., tenente João Miguel, comandante da secção da Guarda Fiscal, Alfredo Bastos, chefe do posto da P. I. D. E.; e deputações da Mocidade Portuguesa e do Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal.

Aberta a sessão, usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. José Rodrigues Marques que, depois de traçar o perfil do sr. Luís Figueiredo, se referiu ao prestígio de que o homenageado goza dentro da corporação que há longos anos comanda e em prol da qual, devotadamente, tem desenvolvido uma acção prestimosa e notável — singular testemunho da sua profunda dedicação e amor à causa dos Bombeiros. Terminando, disse que os Bombeiros locais, a cuja direcção preside, se sentiam orgulhosos pela honra que fora atribuída ao seu comandante, tanto mais que a Liga não faz favores na distribuição das suas medalhas de ouro, com duas estrelas — o mais valioso galardão, que só premeia aqueles soldados da Paz que praticam os mais belos exemplos de coragem e abnegação.

O sr. Moura e Silva falou em nome da Liga, cumprimentando, em primeiro lugar, o presidente da mesa, a quem solicitou se dignasse apresentar as suas respeitadas saudações ao sr. governador civil, que, por motivo de afazeres inadiáveis, não pôde assistir à homenagem. Seguidamente, depois de saudar a assistência, declarou que se sentia confrangido ao confessar que, na sua visita a Vila Real de Santo António, sofrera a mais desagradável decepção da sua vida, porquanto não pôde verificar a pobreza das instalações da corporação local, como colhera a informação de que ela conta apenas 122 associados, entre mais de 9 mil habitantes do concelho! Disse que era lamentável que tal se verificasse numa localidade tão progressiva, onde era notória a actividade do seu comércio e das suas indústrias de pesca e conservas, das mais importantes do País, pelo que aproveitava o ensejo para fazer um apelo a todos os assistentes no sentido de auxiliarem materialmente os bombeiros pombalinos, cuja corporação, prestigiosa a todos os títulos, comemorava a 15 de Ja-

neiro de 1958 o 68.º aniversário da sua fundação. O orador, fez, em seguida, o elogio dos bombeiros, realçando o espírito de disciplina e de altruísmo com que acorrem prontamente onde o perigo aparece, sempre arriscando a própria vida. Pôs depois em relevo as altas virtudes do homenageado que nos seus 48 anos de bombeiro jamais hesitara em enfrentar, decididamente, o perigo dos incêndios praticando os mais nobres actos numa exemplar vitória do espírito sobre as forças brutais do destino. Após ter-se referido à justiça que representava a concessão da medalha de ouro ao comandante Figueiredo, o sr. Moura e Silva terminou pedindo ao presidente do Município que colocasse ao peito do homenageado aquele galardão que premiava toda uma vida dedicada à causa humanitária dos bombeiros.

Após a cerimónia da entrega da medalha, falou o homenageado, que agradeceu, visivelmente comovido, as referências feitas pelos oradores e a honrosa distinção que lhe fora concedida pela Liga, evocando a seguir os seus tempos de Lisboa, onde nasceu e onde bem cedo adquiriu a consciência da sua futura acção de bombeiro.

Encerrou a sessão o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, dizendo que, como presidente da Câmara e como amigo do homenageado, se congratulava e associava, com satisfação, à honrosa distinção conferida ao comandante Figueiredo,

neiro de 1958 o 68.º aniversário da sua fundação. O orador, fez, em seguida, o elogio dos bombeiros, realçando o espírito de disciplina e de altruísmo com que acorrem prontamente onde o perigo aparece, sempre arriscando a própria vida. Pôs depois em relevo as altas virtudes do homenageado que nos seus 48 anos de bombeiro jamais hesitara em enfrentar, decididamente, o perigo dos incêndios praticando os mais nobres actos numa exemplar vitória do espírito sobre as forças brutais do destino. Após ter-se referido à justiça que representava a concessão da medalha de ouro ao comandante Figueiredo, o sr. Moura e Silva terminou pedindo ao presidente do Município que colocasse ao peito do homenageado aquele galardão que premiava toda uma vida dedicada à causa humanitária dos bombeiros.

### Funcionalismo público

Foi nomeada aspirante do quadro privativo da Câmara Municipal de Faro, a sr.ª D. Maria Manuela dos Santos Martins, escriturária de 2.ª classe daquele corpo administrativo, que no respectivo concurso de promoção obteve a classificação de 16 valores.

— Está aberto concurso para provimento do lugar de copista da Conservatória do Registo Predial e do cartório notarial de Albufeira.

— Foram nomeados carteiros provisórios para prestarem serviço nas estações de Vila Real de Santo António e Albufeira, respectivamente, os srs. Francisco Salas Afonso e João da Silva Engrila.

— Precedendo concurso de promoção, foi nomeado aspirante da secretaria da Junta de Província do Algarve o sr. Horácio Dionísio dos Santos, escriturário da mesma Junta.

— Estão abertos concursos para provimento dos lugares de escriturário de 2.ª classe da secretaria da Junta de Província do Algarve e de terceiro-ajudante da Conservatória do Registo Civil de Lagoa.

— Os ajudantes dos postos do Registo Civil de Cachopo (Tavira), Salir (Loulé) e Paderne (Albufeira) respectivamente, sr. João Torres de Matos Casaca e sr.ª D. Benedita do Carmo Santos e D. Maria José Rodrigues, foram exonerados dos referidos lugares.

## A FESTA DE HOMENAGEM AO SR. COMANDANTE FIGUEIREDO

neiro de 1958 o 68.º aniversário da sua fundação. O orador, fez, em seguida, o elogio dos bombeiros, realçando o espírito de disciplina e de altruísmo com que acorrem prontamente onde o perigo aparece, sempre arriscando a própria vida. Pôs depois em relevo as altas virtudes do homenageado que nos seus 48 anos de bombeiro jamais hesitara em enfrentar, decididamente, o perigo dos incêndios praticando os mais nobres actos numa exemplar vitória do espírito sobre as forças brutais do destino. Após ter-se referido à justiça que representava a concessão da medalha de ouro ao comandante Figueiredo, o sr. Moura e Silva terminou pedindo ao presidente do Município que colocasse ao peito do homenageado aquele galardão que premiava toda uma vida dedicada à causa humanitária dos bombeiros.

Após a cerimónia da entrega da medalha, falou o homenageado, que agradeceu, visivelmente comovido, as referências feitas pelos oradores e a honrosa distinção que lhe fora concedida pela Liga, evocando a seguir os seus tempos de Lisboa, onde nasceu e onde bem cedo adquiriu a consciência da sua futura acção de bombeiro.

Encerrou a sessão o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, dizendo que, como presidente da Câmara e como amigo do homenageado, se congratulava e associava, com satisfação, à honrosa distinção conferida ao comandante Figueiredo,

### SANCHES, LIMA & Companhia, Limitada

Por escritura de 20 de Janeiro de 1950, lavrada nas notas do Cartório notarial do concelho de Vila Real de Santo António, D. Rita Ortigão Gomes Sanches, dr. José Ortigão Gomes Sanches e Francisco Gomes Sanches, cederam, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, a António Emídio Passos de Lima, a quota de 10.000\$ que o falecido marido e pai dos cedentes, Francisco Gomes Sanches, tinha no capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António, Sanches, Lima & C.ª, Lda.

Vila Real de Santo António, 15 de Janeiro de 1958.

O Ajudante do Cartório,  
Manuel Clemente

neiro de 1958 o 68.º aniversário da sua fundação. O orador, fez, em seguida, o elogio dos bombeiros, realçando o espírito de disciplina e de altruísmo com que acorrem prontamente onde o perigo aparece, sempre arriscando a própria vida. Pôs depois em relevo as altas virtudes do homenageado que nos seus 48 anos de bombeiro jamais hesitara em enfrentar, decididamente, o perigo dos incêndios praticando os mais nobres actos numa exemplar vitória do espírito sobre as forças brutais do destino. Após ter-se referido à justiça que representava a concessão da medalha de ouro ao comandante Figueiredo, o sr. Moura e Silva terminou pedindo ao presidente do Município que colocasse ao peito do homenageado aquele galardão que premiava toda uma vida dedicada à causa humanitária dos bombeiros.

Após a cerimónia da entrega da medalha, falou o homenageado, que agradeceu, visivelmente comovido, as referências feitas pelos oradores e a honrosa distinção que lhe fora concedida pela Liga, evocando a seguir os seus tempos de Lisboa, onde nasceu e onde bem cedo adquiriu a consciência da sua futura acção de bombeiro.

Encerrou a sessão o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, dizendo que, como presidente da Câmara e como amigo do homenageado, se congratulava e associava, com satisfação, à honrosa distinção conferida ao comandante Figueiredo,

### SANCHES, LIMA & Companhia, Limitada

Por escritura de 20 de Março de 1929, lavrada nas notas do cartório notarial do concelho de Vila Real de Santo António, Manuel Roldan y Pego, cedeu, com todos os seus correspondentes direitos e obrigações, a dr. Emídio Júlio Coelho de Lima, a sua quota de 10.000\$, que tinha no capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António, Sanches, Lima & C.ª, Lda.

Vila Real de Santo António, 13 de Janeiro de 1958.

O Ajudante do Cartório,  
Manuel Clemente

## O Ensino no Algarve

Foram aprovados os termos dos contratos do aspirante da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, de Lisboa, sr. Renato da Costa Pinto e dos escriturários de 2.ª classe das Escolas Industriais e Comerciais de Estremoz e Lagos, respectivamente, sr.ª D. Maria de Lourdes Capela e sr. José de Jesus Carolino, para exercerem idênticas funções, os primeiros, na Escola Industrial e Comercial de Loulé, e o último, na Escola Industrial e Comercial de Silves.

— O sr. engenheiro Manuel do Nascimento Costa foi nomeado, por conveniência urgente de serviço, professor provisório do 2.º grupo, 2.º grau, da Escola Industrial e Comercial de Faro.

— Também por conveniência urgente de serviço foi aprovado o termo de contrato para a sr.ª D. Maria Elisabeth Viana Duarte exercer o cargo de mestra contratada de trabalhos manuais da Escola Industrial e Comercial de Silves.

— Está vago o lugar de escriturário de 2.ª classe da Escola Industrial e Comercial de Lagos.

— Foi concedido aumento de vencimento, correspondente à 3.ª diuturnidade, à professora da escola de Livramento (Tavira), sr.ª D. Constantina da Encarnação Lopes.

## Cine-Foz

DOMINGO, *Uma ilha ao sol*, em cinemascópio, com James Mason e Joan Fontaine. (Para 17 anos).

TERÇA-FEIRA, *O santo do ringue*, em vista-vision, com Paul Douglas, John Derek e Cesar Romero. (Para 12 anos).

QUINTA-FEIRA, *O homem que sabia demais*, em vista-vision, com James Stewart e Doris Day. (Para 12 anos).

## Pára-raios

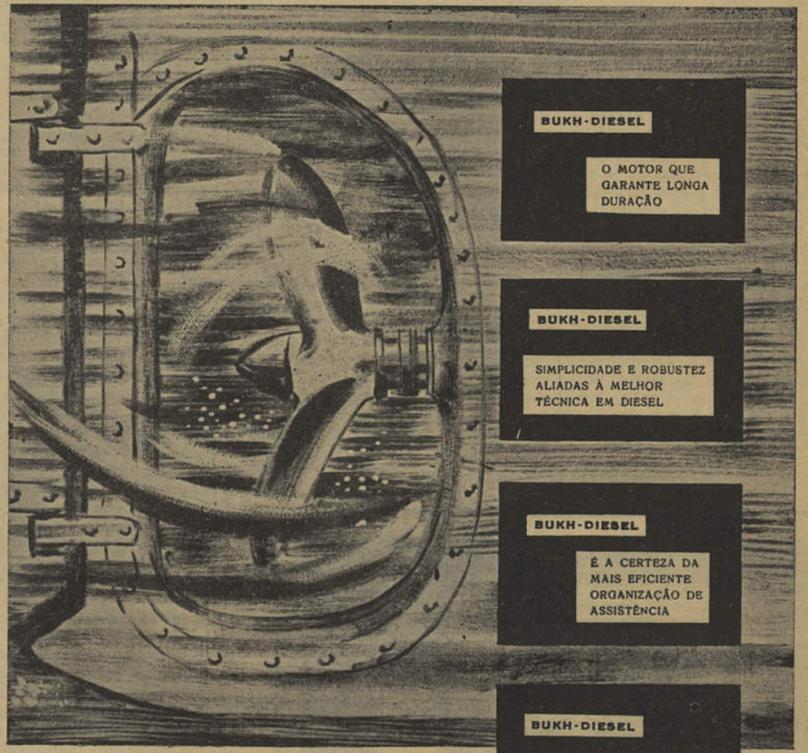
Não compre sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE  
Telefone 21 OURIQUE



SÍMBOLO DE POTÊNCIA

**BUKH**  
Diesel  
MOTORES MARÍTIMOS

Agente no Algarve

**JOSÉ MENDES, L.ª**

Rua da Soledade, 17-21-OLHÃO-Telef. 413

## CAPITALISTAS!!!

Desejam empregar o v/ capital absolutamente seguro? Consultem «A CONFIDENTE», que imediatamente lhes indicará a maneira mais prática e segura da s/ colocação, pois nos seus «dossiers» possui vários prédios para venda, tanto em Lisboa como nos arredores, a darem alguns deles o rendimento de 8%. «A CONFIDENTE» encarrega-se gratuitamente de alugueis e completa administração das propriedades adquiridas somente por seu intermédio. O seu QUARTO DE SÉCULO de existência é a melhor prova da sua competência, nas dezenas de transacções que realiza por mês.

## A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA PORTO  
Rossio, 3-2.º R. Passos Manuel, 14-1.º  
(Ang. da R. Augusta) (Ang. da R. Sá da Bandeira)  
Telefs. 21391-30257-367765-367767 Telefs. 28721-27011-31309-31729

## O SUL NÃO FOI OUVIDO!

Conclusão da 1.ª página

com a «roda» da fortuna, que «gira» a seu bel-prazer.

Uma coisa porém é certa: Vila Real de Santo António cresceu e passou do zero, nesta pesca, para o segundo porto do País, em valor de vendas, com uma média anual à volta dos 50.000 contos. E isto interessa conservar ou incrementar, nunca destruir ou desencorajar. Isto é riqueza que entrou no País, é trabalho para os portugueses e rendimento para os poderes públicos.

Estas considerações vêm a propósito do Decreto-Lei n.º 41.450, que vi publicado no «Jornal do Comércio» de 23 de Dezembro findo, sob o sugestivo título: «Foi actualizada e ampliada a legislação que regula a indústria de pesca de sardinha».

Foi com natural alvoroço que li todo o articulado, à procura do que poderia haver de bom para nós, de ajuda oficial, de encorajamento. Nada encontrei. Reli, poderia ter-me passado despercebido, e o resultado foi pior: — Não! Eu devo estar a ler ou a interpretar mal, porque só vejo prejuízos e inconvenientes para os armadores do Sul, vista a coisa pela rama e, no final, para todos, aprofundando a questão. Retomo a leitura e procurei só de deter-me no que há de matéria nova e no que se adivinha pode vir a haver. E concluo por só achar os tais prejuízos e inconvenientes.

Assim encontra-se de novidade, em primeiro lugar, a classificação das traineiras em três categorias: pequenas, médias e grandes, segundo o módulo. Antes desta Lei, a classificação era só de duas categorias — pequenas e grandes — e classificava-se pelo comprimento entre perpendiculares. Vem suceder agora que aparece como pequena traineira uma com motor de 220 cavalos, que antes era grande, presume-se que com todas as condições para o ser. Esta nem em média ficou. Outras há que sendo também grandes, pela classificação anterior, não conseguem ficar nas médias por pequenas diferenças no módulo, ou seja que necessitando de 150, 200, 138, 143, etc., vindo também para a classificação de pequenas traineiras, a emparelhar com as do módulo 100. Há ainda um caso de traineira com o módulo 199,7, que por 3 décimos perde a classificação de grande. Isto são referências de Vila Real de Santo António, porque deve haver bastantes casos análogos em outros portos.

A pretensão de maior classificação vem de se inferir, pelo Art. 10.º, que o sr. Ministro, ouvido o Grémio, deve vir a estabelecer lotação e comprimentos de rede conforme a categoria, e assim pode cortar a alguns os direitos que têm de há muito. Temos ainda que pela alínea b) do mesmo Artigo se prevê uma limitação, por porto de pesca, do número e categoria de traineiras e de cercadoras «que neles podem descarregar a pescaria». Isto significa que, se esta disposição for posta em prática, as traineiras de Vila Real de Santo António que não tenham cabimento nas vendas de Portimão ou Lagos, havendo ali pesca de sardinha e escassez nesta vila, terão de parar, porque a sardinha, no Verão, não aguentará a viagem para o seu porto de venda. E o mesmo aconte-

cerá às traineiras de Portimão ou Lagos, se, ao invés, a pesca for em frente ou a Leste de Vila Real de Santo António. Isto é produzir menos.

Se a pesca for em frente de Olhão e tivermos que vir a Vila Real de Santo António a vender, ainda conseguimos trazer as sardinhas com valor industrial, mas inferiorizadas. Isto é produzir pior.

Também a ida e volta dos barcos da frente de Olhão a Vila Real de Santo António será mais longa que da frente de Olhão para Olhão, sendo maiores as despesas. Isto é produzir mais caro.

Estaremos, pois, a trabalhar contra a divisa que os governantes nos têm traçado, produzindo menos, pior e mais caro!

Vem depois, como matéria nova, o Art. 16.º que estabelece que só da Ericeira para o Sul se pode fazer transportar peixe em barco que não seja «acostado». Quer dizer que acabaram as «enviadas» ao Norte da Ericeira. Sabendo-se que a diferença entre «acostado» e «enviada», na sua função, é unicamente a de aquele só poder conduzir pescaria da traineira a que está agregado, enquanto a «enviada» conduz de qualquer traineira, mediante a cobrança de uma percentagem sobre o valor da venda, ressalta que houve em vista diminuir, parece que sem vantagem para ninguém, a produtividade dos barcos do Sul, que as usavam quando pescando ao Norte.

Dizemos sem vantagem para ninguém, porque, no caso de uma traineira apanhar peixe que sobre dos seus meios de transporte para a lota, passará agora, sem «enviadas», a ter que devolvê-lo ao mar, ou a oferecê-lo a qualquer colega menos afortunado nesse dia. No primeiro caso, é um crime, porque estando o peixe já morto, não pode haver a consolação de se pensar que outro o virá aproveitar. No segundo, só se tirou o benefício a quem de facto devia pertencer — e isto vai suceder aos que dele teriam mais falta, porque mais frequentemente sucederá aos menos apetrechados — para o entregar a outros.

Mas ainda não compreendo como sendo o negócio das «enviadas» usado e reconhecido há mais de 30 anos, com as suas licenças, pagando contribuições para o Estado e taxas para a Casa dos Pescadores, Junta Autónoma, etc., se pode agora diminuir os seus direitos, sem uma compensação ou satisfação. Porque não há só «enviadas» dos armadores de traineiras, que podem transformá-las em «acostados». Há também armadores só de «enviadas», que gastaram bastante dinheiro com elas, para as porem em condições de acompanhar as traineiras nas suas deslocações. Barcos que já há muitos anos trabalham ao Norte da Ericeira. E que sucede agora a esses barcos e aos seus direitos se, faltando a pesca ao Sul, as traineiras procurarem desenvolver a sua actividade no Norte? — Desarmam — param capitais e braços!...

Tudo isto, sabe-se, é devido a reclamações dos armadores do Norte. Sentem-se prejudicados na competência com o Sul, porque não têm «enviadas», diz-se. Se é assim, se a «enviada» é uma vantagem, porque a não usam, em vez de querer impedir que os outros a utilizem? Se é vantagem, é progresso, é para apli-

car, para viver, para utilizar, sob risco de sermos ultrapassados, de estagnarmos, de retrocedermos, se não aproveitarmos esse progresso.

Todavia, nesta satisfação aos reclamantes do Norte, há uma nota de parcialismo. Nós, os do Sul, não podemos usar «enviadas» no campo deles, ao Norte, mas eles, se vierem ao Sul, ao nosso campo, podem utilizar as «enviadas» que quiserem, sem restrições, quando, normalmente, não as usam.

Até aqui só apontei os inconvenientes para os armadores do Sul, mas, como em princípio disse, também os há para os do Norte, para todos. O principal deles, para só apontar um porque o arrazoado já vai longo, está na desvalorização imediata dos nossos barcos, do nosso negócio. Hoje têm justo valor os barcos de todo o País, porque os podemos deslocar para onde a pesca paga ou compensa, ao passo que se for limitado o seu campo de acção, se for fixada a sua zona de trabalho e o seu porto de descarga, esse valor é automaticamente e grandemente afectado, para os barcos de qualquer porto de armamento, mesmo para os mais prometedores neste momento. Porque o negócio vale, pelas garantias que oferece. E as garantias do negócio da pesca da sardinha, sofrem rude golpe quando a traineira for obrigada a vender só num porto, seja ele Matosinhos ou Sines. Sim, porque ninguém sabe se na próxima safra haverá crise de pesca e onde será mais acentuada. Já tem havido dessas crises em todos os portos.

Posto isto, está à vista o objectivo a atingir com as medidas preconizadas: dividir o País em zonas. Os de Vila Real de Santo António já transgredem quando a Leste da sua barra, agora transgredirão também quando passarem além de Olhão. Tem que haver fortes prejuízos. Na próxima safra, não sabemos, talvez para nós. Na seguinte, poderá ser para os de Olhão, Portimão ou Setúbal. Ao fim de alguns anos, terá tocado a todos. De Olhão, de Setúbal, de Peniche, portugueses. São portugueses os prejudicados com estas medidas, e acabarão por se-lo todos os armadores, do Norte a Sul, porque alguns erradamente pensaram que se podem fazer «couladas» de sardinha. Estão enganados, porque não se trata de uma espécie estacionária, mas sim migratória, que no seu ciclo evolutivo tanto pode arribar em frente de Setúbal como em frente de Espozende, e às vezes não arribar, dizem os técnicos que por influência de correntes, temperaturas das águas, «placton», etc. Eu não sei porque, devo confessá-lo.

Aqui temos recebido e desejamos continuar a receber, de braços abertos, os armadores do Norte que têm tentado a nossa costa. Deus permita que a abundância não lhes falte e que assim possam dispensar deslocações. Mas que sejam bem-vindos, se quiserem ou tiverem que vir.

Aliás, é de esclarecer que não vamos ao Norte com a intenção de prejudicar quem quer que seja, nem por desporto ou recreio. Vamos para defender o nosso negócio e o trabalho dos pescadores, e em maior número, como nos últimos dois anos, quando a pesca por aqui falta em absoluto. E, parecendo embora paradoxal, não prejudicamos ninguém com o aumento de apertações provocadas pelas nossas capturas, porque atrás dos barcos correu a indústria conservadora do Sul a abastecer-se, mantendo e até fazendo subir os preços da lota.

De resto, enquanto hoje se verifica que os países se juntam, abolindo barreiras aduaneiras, para melhor defenderem os seus interesses, não se compreende que dentro do próprio País se estabeleçam restrições ao normal exercício de uma actividade que é fundamental, tanto social como economicamente, além do que, Portugal Continental não é tão grande que se possa dividir em zonas sem prejudicar e derrubar muito modo de vida legalmente criado.

E se com a nova maneira de achar a categoria das traineiras se pode atropelar direitos adquiridos e reconhecidos; se a limitação e fixação de portos de descarga vai diminuir, empiorar e encarecer o produto, talvez mesmo arruinar empresas; se com a supressão das «enviadas» se ferem direitos legítimos e perdem vantagens, torna-se absolutamente necessária uma revisão do assunto.

Há que ouvir os representantes do Sul, para que todos em conjunto defendam interesses que estão muito acima das supostas conveniências regionais — porque são os interesses de Portugal.

João Folque e Brito

### Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

## A FINAL

quando terá Olhão um decente edifício dos C. T. T.?

OLHÃO — Na sessão da Câmara Municipal foram tratados assuntos de interesse concelhio, tendo merecido especial análise o problema da construção do novo edifício dos C. T. T. Muito se tem dito e escrito a propósito de tão necessário melhoramento, o público está descontente e alguns vereadores manifestaram o seu desagrado pela atitude assumida neste caso pelos C. T. T. Assim pediram ao sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente do Município, que os esclarecesse sobre o assunto. Este informou que tem empregado os seus melhores esforços para a solução do magno problema que se arrasta há muitos anos e que esteve em vias de solução nos princípios de 1957 em que foi informado que a construção seria posta a concurso em Junho desse ano. Terminou porém o ano e nada se fez nem se sabe quando se fará. Verifica-se, no entanto, que vão sendo inauguradas estações dos correios noutras terras do Algarve. Os serviços dos C. T. T. nesta vila estão pessimamente instalados num edifício acanhado e que não está à altura do movimento da estação, como se pode verificar pelas estatísticas. Dá-se ainda o caso de se terem procedido a expropriações e demolições de edifícios que se encontravam habitados e onde havia estabelecimentos comerciais, com prejuízo dos respectivos inquilinos que foram desalojados com a nota de urgência. Tudo isto se passou em 1941 e até agora nada se fez. Como é lógico, tudo tem limites e não podemos esperar eternamente pela resolução dos C. T. T., pelo que o sr. presidente da Câmara resolveu officiar ao sr. correio-mor para saber que medidas pensa tomar, porquanto, se não é possível a construção do edifício, a Câmara aceita os terrenos que cedeu e adquire pelo mesmo preço aqueles que foram comprados, a fim de acabar com a vergonha que há treze anos se observa na nossa principal avenida, tanto mais que há interessados em construir no local um imóvel de valor arquitectónico.

Sendo Olhão pelo número de habitantes e actividade industrial, a primeira vila do Algarve, estamos certos que o sr. correio-mor acabará por satisfazer o justíssimo anseio desta terra. — J. G.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

## DE TUDO PARA TODOS

### A quadra de hoje

Esses teus olhos soturnos, Altas horas, pela rua, São como guardas-nocturnos, De chanfalho e de gazua.

António da Cunha Correia Júnior

### O doce nunca amargou

Bolo simples — 5 ovos, 125 gramas de farinha de arroz, 250 gramas de açúcar e uma colherinha de fermento. Bata as claras em neve e, aos poucos, vá juntando as gemas até misturar bem. Em seguida, junte a farinha de arroz e o açúcar, tornando a bater. Misture, por último, o fermento à massa e leve ao forno em forma untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo.

### Mortos pelas radiações atómicas

O professor Otto Han, o primeiro cientista alemão que conseguiu desintegrar o átomo, em 1938, disse uma noite destas em Viena que já não há dúvidas de que milhares de pessoas morrem anualmente em consequência das radiações radioactivas. Durante a leitura de um trabalho, perante numerosa assistência, na Konzeryhans, da linda capital austríaca, o professor Han acrescentou que «as grandes potências tinham fabricado número bastante de bombas H para exterminar a raça humana». Por que razão, então, se continuam a produzir

estas mortíferas armas?; perguntou, pondo em relevo a grande responsabilidade dos cientistas em evitar que estas armas sejam empregadas.

O professor e mais dezóito sábios atómicos alemães declararam, no princípio deste ano, que não utilizariam os seus conhecimentos na produção de armas nucleares.

### Gambém na cozinha se pode ser artista

Bacalhau em leite — Por de molho uma boa posta de bacalhau que depois se coze em leite, salsa, uma cebola e pimenta em grão. Cortar duas cebolas às rodelas e deitar num pirex untado de manteiga. Deitar sobre elas o bacalhau cozido. A volta colocar batatas cozidas e alho esmagado. Regar tudo com bastante azeite. Sobre isto, 3 ovos inteiros já batidos. Vai ao forno para cozer a cebola e os ovos.

### É agora não ria!

Num julgamento por infracção das normas de circulação, o advogado do arguido pergunta:

— E atreve-se a insinuar que o meu constituinte, o visconde Sinclair de Marignan de Rotigny, estava bêbedo?

— Não sei dizer — responde o guarda —. Mas parou ante um farol vermelho de um posto de socorros e teimou em ficar ali até que o farol tivesse luz verde.

ATUM		Capa
SARDINHA		Neptuno
ANCHOVAS		Dois Garotos
CAVALA		Guadiana
BONITO		Estátua
CARAPAU		Juventude

PRODUTOS E MARCAS DE

**PILOTOS & CAPA**

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MATERIAL DE AÇO PARA ESCRITÓRIO

SECRETÁRIAS

CADEIRAS

ARQUIVOS

FICHEIROS

SOCIEDADE

EQUIPAMENTO de

ESCRITÓRIO

LIMITADA

VISITE O N/ STAND PRAÇA dos RESTAURADORES -53-1º - TEL. 24986-LISBOA

UMA INDÚSTRIA NACIONAL

Agentes no Algarve:

António dos Anjos Ruivinho Praça Marquês de Pombal, 23 Vila Real de Santo António	Simotex Rua da Igreja, 30 Portimão - Loulé - Lagos - Silves
A Mecamoto Tavirense Rua Alexandre Herculano, 23-25 Tavira	Eduardo da F. Salter de Sousa Largo do Mercado Faro

EXCELSIOR

Com esta tinta até um bêbê pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA